



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS – IHL

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANTONIO ELVES BARRETO DA SILVA

ETNOGRAFIA DAS TROCAS E SOCIABILIDADES ENTRE OS FEIRANTES E
FREQUENTADORES DA FEIRA DE REDENÇÃO-CE

REDENÇÃO

2015

ANTONIO ELVES BARRETO DA SILVA

ETNOGRAFIA DAS TROCAS E SOCIABILIDADES ENTRE OS FEIRANTES E
FREQUENTADORES DA FEIRA DE REDENÇÃO-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Dra. Jacqueline Britto Pólvora.

REDENÇÃO

2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

S578e Silva, Antonio Elves Barreto da.

Etnografia das trocas e sociabilidade entre feirantes e frequentadores da feira de Redenção-CE. / Antonio Elves Barreto da Silva. Redenção, 2015.

78 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Britto Pólvara.
Inclui Referências.

1. Antropologia urbana. 2. Troca. 3. Setor informal. I. Título.

CDD 302

*Dedico este trabalho com muito amor aos meus pais,
Seu Cearense e Dona Dilma.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o dom da vida. Agradeço também toda a minha família por sempre me incentivar em meus estudos, principalmente meus pais que apesar das dificuldades sempre me apoiaram em minhas escolhas e vida acadêmica.

Agradeço a Universidade, ao coordenador de instituto, ao coordenador de curso, os(as) bibliotecários, a todos os professores que participaram deste ciclo de minha vida acadêmica. A minha orientadora em especial, Dra. Jacqueline Britto Pólvora por me mostra o prazer de estudar antropologia, acreditar e me incentivar na pesquisa.

Agradeço aos personagens que colaboraram permitindo que eu narrasse suas vidas. São eles, Luís, Dona Josefa, Francisco, Luzinete, Jeli Cintía, Dijelma, Milana, Dona Maria, Adriana, Aglailton, Crístina, Ivonete e todos os feirantes que me receberam em suas bancas e colaboraram com a pesquisa.

Aos meus amigos e companheiros de aulas e debates, que me incentivaram e me proporcionarão momentos inesquecíveis. Especialmente, Ariane, Patrícia, Ythalo, Crístiane, Aline e a todos os que fizeram parte de minha trajetória até aqui.

Agradeço a minha namorada, amiga e companheira senhorita Mônica, por me incentivar, apoiar, acreditar e me aconselhar nos momentos difíceis.

Agradeço também os meus colegas de residência, que me incentivaram. Ao meu irmão Evair que me matriculou no SISU.

Agradeço ainda a todos aqueles não acreditaram em mim, que duvidaram de minha capacidade e disseram que eu não era capaz.

RESUMO

O objetivo desta monografia é interpretar as formas de sociabilidade e de trocas que ocorrem no ambiente da feira de Redenção-CE. Faço uma relação entre a cidade e a feira, levando em consideração a fragmentação e um possível individualismo presente no espaço urbano. Partindo do método de pesquisa etnográfica clássico em antropologia descrevo o espaço onde ocorrem estas relações, as formas de comunicação, os códigos de interação, as possíveis relações de parentesco, assim como as relações de reciprocidades que ocorrem neste ambiente.

Palavras-chave: Antropologia Urbana. Sociabilidade. Feiras. Informalidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- p. 32: Rua com o fluxo mais intenso da feira.

Figura 2- p. 39: Foto retratando a estética da feira em cima da praça principal da cidade.

Figura 3- p. 40: Movimento dos fregueses aos domingos.

Figura 4-5 p.42: As duas fotos é da Rua Juvenal de carvalho, no qual predomina a venda de frutas e legumes.

Figura 6- p.45: Dona Josefa em sua banca.

Figura 7- p.49: Danilo em sua banca.

Figura 8- p.50: Aglailton pousa para uma foto em sua banca.

Figura 9- p.52: Banca da feirante Cristina.

Figura 10- p.54: Adriana me pede para fotografá-la em sua banca improvisada.

Figura 11- p.57: Foto da Rua Juvenal de Carvalho.

Figura 12- p.60: Banca de produtos naturais.

Figura 13- p.62: Banca de sapatos.

Figura 14- p.62: Feirantes negociando em cima da praça da igreja da cidade.

Figura 15- p.66: Feira por volta das sete horas da manhã de um domingo.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. SOCIABILIDADE E SOCIEDADE	11
1.1. Os atores sociais: projetos, jogos sociais e negociações que constroem percursos....	11
1.2. Os bens e seus significados: uma abordagem do consumo além da aquisição de mercadorias.....	16
1.3. Por que a feira?	20
1.4. Antropologia na cidade: O meio urbano e seus desafios.....	23
2. ESTÉTICA INFORMAL, RELAÇÕES SOCIAIS E COMPANHEIROS DE TRABALHO NA FEIRA. 34	
2.1. Informalidade na cidade.	35
2.2. Estética da informalidade.....	40
2.3. Família, Amigos e Vizinhos	47
3. DO INICIO AO FIM DA FEIRA.....	60
3.1. A feira e Redenção	61
3.2. Feira à dentro: o que tem na feira?	64
3.3. Sociabilidades no mercado: conversas, risadas, emoções, a vida de feirante.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
BIBLIOGRAFIA.....	76

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma etnografia das sociabilidades que ocorrem entre os feirantes da Feira de Redenção-CE, como também as sociabilidades por parte dos frequentadores, levando em consideração a suposta fragmentação causada pelo meio urbano (VELHO, 2013; OLIVEN, 2007).

Redenção é uma cidade localizada a 66 km de Fortaleza. Com a instalação de uma universidade pública, a cidade está passando por intensos processos de transformações, estes estéticos e também sociais. Discuto aqui o conceito de Cidade, analisando como e de que forma a urbanidade interfere sobre os fatores sociais (OLIVEN, 2008) assim como a enquadro como um campo repleto de possibilidades (VELHO, 2013) em que os atores sociais encontram diversas maneiras de interações e escolhas. O objetivo é pensar as formas de sociabilidade e de trocas que ocorrem no ambiente da feira de Redenção-CE. A feira é um tipo de comércio que mesmo com o passar do tempo e as mudanças no espaço urbano, persistem e vão se remodelando nesse espaço, fazendo parte do cotidiano. A estética da feira é remodelada diariamente, assim como seus atores (re)constroem imagens, estas estéticas e também sociais. A feira compõe uma parte da cidade, suas bancas estão repletas de sentidos compartilhados por esses atores que alocam diversas trocas, como as ajudas recíprocas, as trocas de mercadorias, conversas e também o cruzamento de trajetórias de vida distintas. Faço uma relação entre a cidade e a feira, levando em consideração a fragmentação e um possível individualismo causado pelo espaço urbano. Objetivo também descrever o espaço onde ocorrem estas relações, as formas de comunicação, os códigos de interação, as possíveis relações de parentesco, assim como as relações de reciprocidades que ocorrem neste ambiente, além de mostrar as teias de relacionamentos e a organização que existe na feira de uma cidade pequena como Redenção.

A pesquisa ocorreu de Junho à Dezembro de 2014 na Feira de Redenção-CE. Apesar de a feira ser mais intensa no domingo, no qual há feirantes de toda região do maciço e capital do Estado, frequentei a feira diariamente observando também os vendedores locais. Como metodologia, usei o método clássico em antropologia proposta por Malinowski (1978). Também utilizo a observação participante no meio urbano a partir da proposta de Eckert e Rocha (2008).

Abordei os meus colaboradores por meio de conversas e minha constante presença na feira. Preferir não fazer questionários, pois penso que por meio de conversas as informações fluem de maneira mais espontânea. Diariamente sentava com os feirantes e participava de suas conversas. Ajudei meus colaboradores em algumas vendas, em especial Dona Josefa e Cristina, feirantes estas que ao longo da pesquisa desenvolveram comigo intensos laços de amizade.

As ciências sociais sempre me fascinaram, em toda minha vida sempre fui questionador. Por as pessoas são assim? Por isso ou aquilo está aqui? Por que sou assim? Esses questionamentos faziam parte de minha rotina.

Meu fascínio pela antropologia urbana começa na universidade ao cursar a disciplina Introdução a Antropologia das Cidades, ministrada pela professora Dra. Jacqueline Britto Pólvora. Diante dos temas abordados na disciplina um novo mundo se abriu diante dos meus olhos. A Leitura da obra “Observando o familiar” de Gilberto Velho (2013) me levou a outro pensamento. Agora, tinha em mãos uma ferramenta que até então eu não conhecia.

A ideia de estudar meu “próprio mundo” me deixou em estado de êxtase, entretanto, os desafios são enormes. Estudar meu próprio universo requer cuidado e atenção. Interpretar seu próprio ambiente é uma tarefa onde o pesquisador precisa cotidianamente se colocar no lugar do outro (VELHO, 2013). Como também aponta Queiroz, “[t]odo cientista social, ao determinar o tema de pesquisa se encontra inserido num universo físico, social e intelectual que a delimita; é também por meio da percepção do que neste universo existe que formula o que pretende estudar” (QUEIROZ, 1999, p.15).

O estudo da feira ao qual me ocupo neste trabalho nasce do interesse em interpretar os simbolismos e as formas de comunicação nesses espaços, afinal, “... as práticas cotidianas que configuram a feira-livre narram muito mais do que simples relações econômicas ou de comércio formal no interior da cidade” (VEDANA, 2013, p.18). O que interpreto aqui é como esses feirantes se relacionam e como esses atores sociais participam da dinâmica da cidade.

No primeiro capítulo faço uma breve discussão sobre sociabilidade, pois os comércios informais são ricos em interações, além de discutir também o conceito de cidade. Baseado em autores com Simmel (1983), Weber (1967), Oliven (2007), Velho (2013), Rolnik (2004) entre outros, situo a feira em um espaço e explico por que minha escolha em privilegiar a feira de Redenção como espaço a ser pesquisado. Em seguida, introduzo a questão do consumo, indo além da venda de objetos pelos feirantes. Penso além das negociações as trocas (MAUSS, 2003) que ocorrem entre os feirantes e entre feirantes e clientes, tentando interpretar os atos de consumo dentro da feira.

Faço também um apontamento sobre pesquisas na cidade, assim como relato um pouco das dificuldades da pesquisa no meio urbano. O pesquisador encontra na investigação urbana uma série de problemas complexos (AGIER, 2011). O estudioso precisa estar atento a formas como os indivíduos se autodominam dentro da cidade. Como aborda alguns estudiosos da antropologia não existe uma receita pronta para se fazer pesquisa, o pesquisador precisa fazer parte da rotina do grupo social a qual está participando (ECKERT; ROCHA, 2008).

No segundo capítulo discuto o conceito de informalidade, apontando suas possíveis causas, comparando com a cidade de Redenção e tentando interpretá-la no contexto de Redenção, especificamente na feira. Descrevo as características da feira, sua estética e suas formas, como seus vendedores constroem a estética da cidade (PINHEIRO-MACHADO, 2013). Mais adiante descrevo etnograficamente as relações entre os atores sociais dentro da feira, família, amizades, ajudas, conflitos, atentando para as relações entre os vizinhos da feira.

No capítulo três relaciono a feira com o meio urbano, discutindo um pouco do conceito de ordem e desordem e registro acontecimentos que desenrolam dentro desse tipo de comércio. Por fim relato as emoções que ocorrem na feira e os sentimentos que os feirantes sentem e que eu também senti, tentando descrever o sentido de ser um feirante. Lanço mão do recurso da fotografia para que o leitor possa se imaginar na feira e no momento da leitura viajar dentro desse espaço.

Os nomes que utilizo neste trabalho são os nomes verdadeiros dos meus colaboradores.

1 SOCIABILIDADE E SOCIEDADE

Faço aqui uma discussão sobre sociabilidade, pois os comércios informais são ricos em interações. Estou pensando as conversas na feira, as vendas, as ajudas e também os conflitos que formam a sociedade. Além disso, discuto um pouco o conceito de cidade, pois tenho que enfatizar que Redenção encontra-se em processo de transformação, processo este de acordo com as características da cidade. Introduzo a questão do consumo, indo além da venda de objetos pelos feirantes. Penso além das negociações de objetos, refletindo sobre essas trocas que ocorrem entre os feirantes e entre feirantes e clientes, tentando interpretar os atos de consumo dentro da feira.

Faço também um apontamento sobre pesquisas na cidade, assim como relato um pouco das dificuldades da pesquisa no meio urbano. Estas dificuldades são bem pertinentes em todas as pesquisas, mas, pesquisar na cidade requer maior atenção devido os muitos fatores que ocorrem com maior frequência e muitos ao mesmo tempo. Ademais a feira, para mim, apresenta maior dificuldade, dificuldade esta devido ser um ambiente ao qual já fiz parte, necessitando assim um maior esforço intelectual de minha parte.

1.1 Os atores sociais: projetos, jogos sociais e negociações que constroem percursos

Pensar a sociabilidade é, sobretudo, buscar entender o que nos une como seres humanos, em casa, na rua, no trabalho, na escola. Em qualquer lugar que estamos, temos que nos comunicar uns com os outros. Por meio de negociações e conflitos negociamos nossas regras e determinamos nossos espaços sociais na sociedade, a sociabilidade possibilita a interação entre os homens. Mas afinal o que é sociabilidade?

George Simmel, sociólogo Alemão e criador do conceito de sociabilidade, enfatizava a sociabilidade (sociação) como um jogo, este que seria o mantenedor da sociedade como tal. Simmel alega que as interações obrigam os indivíduos a formarem uma unidade, esta seria a sociedade. O teórico continua “... a sociação é a forma (realizada de incontestáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (SIMMEL, 1983, p.166). Dessa forma, a sociação trata-se de um jogo de interesses, ela tem o papel de ajustar os interesses e conflitos.

Estudar a sociabilidade é um tanto complicado. Entretanto, é algo primordial para o entendimento da sociedade. Em nosso cotidiano exercemos funções, conversamos com outras pessoas, damos ajuda, negamos ajuda. Em uma espécie de “piloto automático”, fazemos coisas que nos passam despercebidas. Nossas vidas giram em torno de laços que construímos dia-a-dia e sem essas relações a vida em comunidade seria impossível, afinal “[a] sociabilidade é um símbolo de vida...” (SIMMEL, 1983, p.179). Nos como cientistas, estudiosos dos fenômenos sociais precisamos sempre investigar, confrontar e problematizar essas questões.

Mas o que é ser sociável? Que modos são esses que os indivíduos precisam possuir para viverem em sociedade? O indivíduo já é por instinto um ser sociável? Esses são diversos questionamentos que ao andar na rua nos perguntamos diariamente.

Sobre este conceito Frúgoli Junior, 2007 contribui:

Tal conceito foi criado originalmente no campo da sociologia (ou da filosofia social, sobre outro prisma) por Simmel (1858-1918), autor que, dentre varias indagações, norteava-se pela pergunta ‘como a sociedade é possível?’, buscando não torna-la como algo dado, mas continuamente constituído (e dissolvido) pelos indivíduos, através de interações recíprocas. O mesmo veio a ser posteriormente re-significado através de um rico diálogo entre a sociologia e a antropologia voltadas à vida urbana (FRÚGOLI JUNIOR, 2007, p.08).

A problemática que estou levantando nesse trabalho, é como ocorre essa socialização em um comércio informal, tendo como pano de fundo a cidade. Estou pensando essa sociabilidade dentro do meio urbano. A cidade se caracteriza como centro que detém o poder sobre as pessoas (ROLNIK, 2004). Na cidade está localizado o comercio, a indústria em geral, circulação de bens e o principal de todos, é na cidade que está o centro do poder estatal. Rolnik contribui “... a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias acelerados, rompendo barreiras, subjugando territórios” (ROLNIK, 2004, p.06).

Torna-se importante pensar esse contexto urbano porque sua dinâmica é intensa, as pessoas da cidade desempenham papeis mais fragmentados (VELHO, 2013). Então como em meio há esse contexto urbano de circulação intensa essas pessoas se relacionam? Como constroem essas teias de relacionamentos, ou o que Simmel chama socialização?

O que fazemos diariamente no trabalho, na escola, universidades, nossas conversas, discussões, constroem teias de relacionamentos. A cidade por sua vez nos coloca de frente de diversas situações que nos obrigam a sermos “sociáveis”. Sobre essa proximidade gerada pela cidade, Nunes ressalta que “[a]s aglomerações urbanas pelas suas próprias características constituem áreas onde as interações se redefinem a partir das diferentes possibilidades que o estar próximo nos coloca” (NUNES, 2007, p.647).

Os atores que estou pensando são os feirantes e frequentadores da feira. Estes dentro desse tipo de comércio tem me chamando bastante atenção com suas formas de se relacionarem. Penso essas relações não apenas entre vendedores e clientes, mas principalmente entre os próprios feirantes. Ao sair na praça de redenção, observo como esses indivíduos interagem nesses espaços, como estes criam ali seus círculos.

Por meio de conversas é que são realizadas as negociações na feira, também são por meio delas que consigo obter dos feirantes as informações que necessito, afinal usando os termos de Simmel, o que estou fazendo, essa troca de conhecimentos que ocorre entre eu e os feirantes, é pura sociabilidade. Segundo Simmel, “... a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade. A conversa é desse modo à realização de uma relação...” (SIMMEL, 1983, p.177).

A questão então é perceber as interações que ocorrem nesse meio. O espaço não é construído apenas por tijolos e cimento ou por barreiras físicas, ele é antes de tudo feito por pessoas, lugares, sentimentos, uma serie de símbolos construídos e reconstruídos diariamente. Com aponta Velho, “[o] fato importante é que estamos lidando com um conjunto de símbolos que vão ser utilizados pelas pessoas nas suas interações e opções cotidianas, num processo criativo ininterrupto havendo alguns mais eficazes e duradouros do que outros” (VELHO, 2013, p.89).

A questão é que penso que esses valores simbólicos e essas experiências entre os envolvidos nesse contexto são essenciais na manutenção desses locais, na construção de sentimentos coletivos e nas trocas recíprocas que ocorrem frequentemente nesses espaços.

A cidade é onde pulsa o coração da sociedade, onde estão localizados os meios de comunicação e todas as formas de comércio, inclusive os comércios informais no

qual estou focando. Como formulou Oliven, “[a] cidade passa, assim, a se constituir no contexto no qual se desenvolvem vários processos e fenômenos sociais” (OLIVEN, 2007, p.17). Segundo este autor, a cidade não causa os vários processos sociais, ela é antes o lugar onde eles ocorrem com mais frequência.

De acordo com Simmel (1983), o Homem sociável não existe em lugar algum, este não passa apenas de uma representação na sociedade e em nossas mentes. As formas de sociabilidade e seus limiares, segundo Simmel (1983) variam de acordo com os grupos e seus interesses. Dessa forma, a socialização nada mais é de que uma “imaginação”, um mundo criado para que os atores sociais possam se organizar e delimitar seus espaços simbólicos. Durante as compras na feira, há um interesse por parte dos feirantes e clientes, o feirante querendo vender seus produtos e os clientes procurando mercadorias para seus usos. Como se dá então esse jogo?

Nesse jogo de faz de conta, chamado sociação, compreender o que é realidade e fantasia exige de nós pesquisadores um enorme grau de atenção. Simmel ainda completa:

A sociabilidade é um jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e “fazer de conta” não é mentira mais do que o jogo ou arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. O jogo só se transforma em mentira quando a ação e a conversa sociável se tornam meros instrumentos das intenções e dos eventos da realidade prática- assim como uma pintura se transforma numa mentira quando tenta, num efeito panorâmico, simular a realidade (SIMMEL, 1983, p.173).

Nesse mundo imaginado construído pela sociabilidade, pode se criar uma harmonia. Entretanto, é impossível que uma sociedade viva sem certo conflito. Para Simmel (1983) o conflito tem relevância na sociação, este por sua vez resolveria certos dualismos existentes.

Para Simmel a sociedade precisar ter em sua estrutura elementos de atração, mas também de repulsão. Estes mecanismos manteriam a sociedade em ordem. Segundo Simmel:

Assim como o universo precisa de amor e ódio, isto é, de forças de atração e de forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e

desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis (SIMMEL, 1983, p.124).

Dessa forma, os conflitos servem para definir e redefinir os espaços, determinar os laços de amizade e solidariedade existente nos espaços urbanos, assim como conflitos, que representam uma força capaz de unir o grupo social, mantem os limites dentro do grupo e perpetuar sua existência. (SIMMEL, 1983).

Nas cidades, devido o grande fluxo de pessoas e as diferenças existentes entre esses atores desencadeiam diversas formas de conflito. Não que exista uma cultura urbana capaz de modificar as relações humanas, mas, existem fatores que na cidade ocorrem com mais frequência. Estes causariam um estresse nos indivíduos, o que Simmel chamou de alteração no psicológico dos indivíduos citadinos.

Se toda interação entre os homens é uma sociação, o conflito - afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por indivíduos apenas – deve certamente ser considerado uma sociação. E de fato, os fatores de dissociação- ódio, inveja, necessidade, desejo- são causas do conflito; este irrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda mais que através da aniquilação de uma das partes conflitantes (SIMMEL, 1983, p.122).

Usando as palavras de Eunice Durham¹, a “cidade é apenas o contexto”. A cidade enquanto espaço físico, como argumento, não causa essa mentalidade. O causador desses atritos são as situações que ocorrem com mais frequência e intensidade no meio urbano. O restante fica a cargo dos atores envolvidos nessas relações, que devido os contatos mais frequentes, acabam tornando a vida urbana mais “caótica”.

Estou pensando a cidade de Redenção como uma cidade em urbanização-transformação. Caracterizo-a enquanto urbano usando os termos de Velho (2013) ao afirmar que as sociedades urbanas são caracterizadas pela divisão social do trabalho. Redenção não é uma grande metrópole, entretanto passa por seu próprio processo de transformação, processo esse que seu contexto e historia permite. A reflexão apresentada por Lewis (*apud* OLIVEN, 2007, p.23) nos ajuda a interpretar melhor essas mudanças. Segundo o autor, “... a urbanização não constitui processo único, integral e

¹ Assistir vídeo Eunice Durham. Antropologia urbana e etnografia nas cidades brasileiras, 2009, narradores urbanos. Disponível em: <http://www.biev.ufrgs.br/grupos-de-trabalho/gt-video-narradores-urbanos.php> Acessado em: 23-01-15.

universalmente semelhantes, mas assume formas e significados diferentes, que dependem das condições históricas, econômicas, sociais e culturais prevaletentes”.

A vida urbana coloca as pessoas fisicamente mais próximas umas das outras, forçando assim uma convivência. Falando de forma simples, a socialização é a forma de evitar situações desagradáveis, situações essas que impossibilitariam nossa vida em sociedade. Existe uma organização, quanto à esse ponto Simmel ressalta, “[t]oda organização interna da interação urbana se baseia numa hierarquia extremamente complexa de simpatias, indiferenças e aversões, do tipo mais efêmero ao mais duradouro” (SIMMEL, 1983, p.128). Nossa vida é um jogo em que a cada momento representamos personagens, estamos em todos os momentos de nossas vidas exercendo papéis, criando representações². No ponto de vista de Simmel (1983) a sociedade não existe enquanto coisa, são nossas relações que determinam o que é a sociedade. Essa sem as regras sociais que harmonizariam as relações, não seria possível.

1.2 Os bens e seus significados: uma abordagem do consumo além da aquisição de mercadorias

O consumo é algo marcante em nossa sociedade atual, entretanto, existem debates sobre certas práticas de consumo. É comum ouvir termos como “consumo compulsivo”, consumo obsessivo, compulsório, entre outros. Algumas pessoas interpretam o consumo como algo positivo, outras o vêem como um vilão, um símbolo do capitalismo, entre outras expressões corriqueiras.

Ao observar as formas de consumo na feira, ao qual me ocupo neste trabalho - falo de formas por creio que existem varias maneiras de viver, pensar e interpretar o consumo - percebo que as pessoas não vão a feira apenas para obter bens. Mas, elas atribuem significados a esses atos. Estas trocas como abordou Mauss são “[s]ímbolos da vida social” (MAUSS, 2003, p.232) O fato de escolherem a feira como lugar de compra, significa que elas automaticamente estão atribuindo um significado simbólico a feira. Como enfatizou Mauss, “[t]oda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos...” (MAUSS, 2003, p.195). Na feira não se consome apenas produtos, consomem historias memorias, informações.

² Erving Goffman (2011). A Representação do eu na vida cotidiana.

Douglas e Isherwood (2013) fazem uma análise sobre consumo, perguntando-se: “Por que as pessoas querem bens?”. Essa é a pergunta que ronda toda a obra. Os bens, segundo os mesmos, são necessários para ativar diversos mecanismos, em qualquer classe e grupo social. Os autores de *O Mundo dos Bens* apontaram:

Quando se trata de manter uma pessoa viva, a comida e a bebida são necessárias como prestações físicas; mas, quando se trata da vida social, são necessárias, para ativar a solidariedade, atrair apoio, retribuir gentilezas, e isso vale tanto para os pobres quanto para os ricos (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p.39).

O consumo opera como serviços de marcação, rituais recíprocos (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2013). Funciona como meio de interação entre esses indivíduos. Afinal quem nunca aproveitou para bater um papo enquanto fazia compras, ou então foi à feira para rever amigos e conversar, tomar um cafezinho para ouvir uma fofoca?

Sobre este tema Lima contribui:

Embora a sociedade ocidental moderna, em particular, seja muitas vezes chamada de sociedade de consumidores, em todas as sociedades e em todos os momentos da história os homens consomem e consumiram objetos. (...) o consumo foi visto, pelo senso comum e pelas ciências humanas, de uma forma um tanto simplista e, normalmente, negativa (LIMA, 2010, p.07).

Em minhas estadas na feira percebo que as pessoas ali nem sempre vão fazer compra. “ir à feira” torna-se o “evento da semana”, as pessoas procuram esses espaços como forma de quebra da rotina, passeio e momento de lazer em um lugar cujas possibilidades são restritas. Às vezes encaro meu campo de pesquisa como uma terapia, gosto de conversar com os feirantes, ouvir suas piadas e fofocas. A feira me faz muito bem, o ambiente é agradável e os vendedores e clientes compartilham, através das negociações, laços de amizade.

Quando vejo esses atores sociais se cumprimentando e conversando entre as bancas, fico pensando, o que os tornam conhecidos, o que os unem? Reflito como o consumo é capaz de criar esses vínculos e construir essas identidades. Os clientes estão ali, comprando, eles não se conhecem e repentinamente o cliente tenta barganhar o valor do objeto em questão, o feirante explica sobre o produto, faz sua propaganda. No fim das contas, um dos dois cede e a compra é concretizada. Depois disso surge uma conversa, o feirante ganha um freguês, surge um laço. São coisas que só acontecem em

comércios informais. O consumo contribui na formação de identidades. Sobre esta questão Stuart Hall aponta:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens- entre pessoas que estão bastantes distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2011: p.74).

Mais que criar e recriar identidades, o consumo opera mediando o contato entre pessoas, possibilitando encontros e desencontros, construindo diálogos.

Segundo outros teóricos, como (RETONDAR, 2008, NUNES, 2007, DAVIDOVITSCH e SILVA, 2010) o consumo é usado como dispositivo social, acionam as identidades. Segundo essa linha de pensamento, o consumo passa a ser uma maneira dos indivíduos serem aceitos em determinados grupos sociais. O consumo é interpretado aqui como uma linguagem que pode ser compreendida por quaisquer indivíduos, sejam eles dos grandes centros urbano, das pequenas cidades ou até mesmo do campo.

De acordo com Nunes (2007), o consumo é o alicerce principal na construção de identidades, o pertencimento, as origens, seu grupo social. Diante de um ato de compra, existe não apenas uma troca de mercadorias (capital-objeto) nestes atos existe relações carregadas de valores simbólicos. Os processos de consumo reproduzem constantemente significados (RETONDAR, 2008). Estes significados são atribuídos tanto pelo mercado, quanto principalmente por parte dos consumidores, são relativos e passam cotidianamente por reconstruções. O ato de consumir vai muito além da necessidade, produto do capital. Esse é um ato de relações, que vai desde um simples desejo e fetiche, até um possível debate: gênero/raça-cor/classe social perpassando por outros valores presentes nessas relações sociais (RETONDAR, 2008).

De acordo com Sarte e Tfouni (2013), o consumo ocupa um grande espaço na construção da subjetividade, altera o psíquico, domina nossos neurônios, idealiza um sujeito para o objeto desejado, atribui para este uma série de conceitos abstratos. Consumir não é simplesmente um ato de comprar, a escolha do objeto identificara de imediato o consumidor. Nesse ato o indivíduo cria e recria imagens, códigos, cria vida

para esses produtos. O consumo da visibilidade e define a que grupo social pertence o indivíduo (NUNES, 2007).

De acordo com Retondar (2008) o consumo diferencia o indivíduo, identifica-o e classifica-o. Tendo como principal construção dessas identidades um contexto urbano, marcado por individualismo e fragmentação, o indivíduo necessita de algo tanto para identificá-lo como um ser único, ou seja, individual, mas, além disso, construir algo que o faz pertencer a um determinado grupo. Quanto a esse aspecto Nunes aponta, “[o] consumo, que passa a ser vivenciado como mecanismos de inserção e de status, traz a ideia de acesso a um mundo social existente em nossa volta” (NUNES, 2007). Consumir não é um simples desejo, mas é antes uma maneira de o indivíduo estar inserido em um determinado grupo, fazer parte de uma sociedade, construir teias de relacionamentos, pois esse é o que nos torna identificáveis.

Consumir é um ato de ação social (RETONDAR, 2008). Presenciei diversas vezes em que clientes vinham tomar um “cafezinho” e desencadeavam longas conversas. Falavam sobre família, novela, política e até mesmo sobre o andamento da feira. As conversas surgiam de maneira automática. O simples ato de tomar um café na feira, comprar um alimento, uma peça de vestuário ou um objeto qualquer se tornava uma forma de conversa, de interação, compartilhamentos. Como formula Retondar, “[c]onsumir passa, neste caso, a ser percebido como processo de mediação de relações sociais...” (RETONDAR, 2008, p.139).

Em um campo cheio de possibilidades (VELHO, 2013) os atores sociais encontram diversas maneiras de interações e escolhas, estas nos definem enquanto sujeitos sociáveis e moldam nossas identidades. Nunes (2007) contribui ao pensamento de Gilberto Velho: “[a]s aglomerações urbanas pelas suas próprias características constituem áreas onde as interações se redefinem a partir das diferentes possibilidades que o estar próximo nos coloca” (NUNES, 2007, p.647).

Os bens são significados, são informações (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2013). Ao andar pela feira e fazer compras os atores sociais trocam informações, atribuem significados aos bens, resignificam identidades. O fato de alguns consumidores escolherem os mercados informais para realizarem suas compras podem dizer muito sobre eles. Não me refiro à classe ou status, refiro-me a uma maneira de pensar e se

viver o consumo, de se escolher seus lugares de compras, uma outra maneira de ver os mercados. Retondar (2008) aponta, “... o ato de consumo transforma-se, neste caso, num ato de adesão simbólica em escolha do objeto se torna uma escolha estratégica, por meio da qual o consumidor vai continuamente definindo e redefinindo sua identidade” (RETONDAR, 2008, p.145). No caso da feira, a escolha não é apenas do objeto, mas sim do espaço escolhido para as compras. Na feira, através de processos inconscientes, os feirante e clientes constroem suas identidades, em relação aos atores e também em relação ao espaço. Ao longo do tempo de comercio informal, entre idas e vindas de feirantes e clientes, as relações identitárias com o espaço da feira vão tomando formas. Stuart Hall explica:

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes (...) ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formulada’ (...) em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la com um processo em andamento (HALL, 2011, p.39).

O consumo vem sendo compreendido como uma forma de sociabilidade moderna (LIMA, 2010). Ao ir a feira aos domingos fazer suas compras os indivíduos usam o consumo para falarem como são em sociedade, eles são meios de comunicação (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2013). Esses atores concebem outra maneira de uso do espaço.

1.3 Por que a feira?

Meu pai já foi feirante e desde pequeno ele costumava me levar com ele nas vendas, eu adorava. Mais, por que comia pastéis, sorvetes, guloseimas e conversava com muitas pessoas, além de conhecer outras. Meu pai trabalhava vendendo animais: porcos, galinhas, cabras. Eu, só não gostava da parte de acordar cedinho para pegar os animais no chiqueiro. De resto, aquilo tudo para mim era uma aventura.

Frequentávamos a feira na cidade de Baturité, cidade vizinha à minha, que é Aracoiaba. Aquele ambiente, na minha visão de criança, era caótico. Meu pai tinha muitos amigos ali, adorava ouvir a conversa deles, sempre falavam coisas engraçadas, contavam piadas.

A feira de animais era interessante, as negociações ocorriam em uma rua. Algumas pessoas cobriam um espaço com uma lona para se proteger do sol e da chuva,

outras não. Lembro-me de um episódio engraçado, um dia uma cliente se aproximou da gente e perguntou o preço de um frango, não conseguimos entender nada, a mulher era estrangeira, acho que espanhola. A situação foi muito engraçada, meu pai parecia um louco tentando falar para ela fazendo sinais, usando as artimanhas da feira para efetuar uma negociação. Só lembro que meu pai conseguiu vender, depois ficamos rindo. Logo após meu pai me falou, “acho que essa mulher é de outro país”.

Na feira, ao que percebo, não são vendidas e trocadas apenas mercadorias. A banca que o vizinho ajuda montar, o troco que o vendedor pede ao outro, a “olhadinha na banca enquanto o vendedor dar uma saidinha”. Essas trocas vão além. Como apontou Mauss (2003), todas essas trocas é motivo de prestações de contas (MAUSS, 2003). Não querendo romantizar, nesses espaços os atores sociais trocam sorrisos, olhares, se divertem, choram algumas vezes, trocam experiências, histórias de vida. Compartilham suas trajetórias e constroem um espaço de forma coletiva.

Partindo do pressuposto de minha trajetória enquanto família de feirantes, tenho um conhecimento de aspectos dos comércios informais. Esse tipo de ambiente ao qual já participei me motivou a construir meu artesanato (MILLS, 1972). Segundo esse autor, “... o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar” (MILLS, 1972, p.22). Meu conhecimento e vivência proporcionaria maior envolvimento com o tema, uma maior dedicação além de uma maior atenção já que teria que me distanciar do meu familiar (VELHO, 2013), para observar as interações dentro do campo de pesquisa.

A partir de autores como Oliven (2007) e Velho (2013), a análise de grupos sociais fez me perceber a importância de relativizar dentro do meu próprio mundo. Recorte que a exemplo da feira como grupo de estudo, nos mostra o quanto nossa sociedade é repleta de formas diferentes de construir relações.

Apesar de existir o mito que nas cidades os indivíduos seriam individualistas, investigar os comércios informais é, sobretudo a tentativa de desmistificar esse conceito. Em um comércio que os atores envolvidos aparentemente convivem em harmonia por causa tanto da proximidade quanto as relações de ajuda que tem que existir nesse meio, faz-se necessário uma abordagem dessas interações, interpretá-la de

forma que nos faça entender o que diferencia esse grupo - os feirantes - de outros grupos que vivem no meio urbano.

A feira apresenta um contexto particular em relação à questão do espaço. Nesses comércios, ao que percebo, não há espaços formalmente delimitados, existem apenas fronteiras simbólicas. Na feira de Redenção, por exemplo, durante segunda a sexta feira alguns feirantes montam suas bancas em determinados pontos, entretanto, aos domingos outros feirantes são “donos” desses lugares, então os que vendem ali na semana cedem os lugares.

Apesar dos feirantes não terem documentos comprovando que esses espaços são “seus”, existe uma regra simbólica que justificam o domínio desses espaços. No contexto urbano, presenciamos todos os dias lutas por espaços, que sejam físicos ou simbólicos. Na feira essa disputa por mais que exista percebo que ela se dar de um modo diferente, existe um “respeito espacial”, um código que não está escrito em nenhum lugar, não existe comprovantes, papéis assinados em cartórios, existe um código simbólico que diz: “esse é meu espaço” “aquele é o seu”.

Entender o que realmente são os comércios informais e o que ocorre nestes é fundamental para desmistificar certas categorias que uma parte da população atribui a esses espaços. Como Pinheiro-Machado (2013) aponta, são muitas as categorias, principalmente negativas a respeito dos comércios informais. Sobre essas categorias e imagens atribuídas aos comércios informais, Pinheiro-Machado argumenta:

Os preconceitos sobre mercados informais (...) são muitos. Categorias que evocam a sujeira, a criminalidade e a desordem abundam para classificar milhares de trabalhadores sobre os quais, geralmente, tem-se poucas informações sobre suas reais necessidades e contingências. Os meios de comunicação de massa ajudam a difundir essa imagem que associa os grupos populares ao caos urbano (...) (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p.96).

Apesar de tudo, muitas pessoas ainda preferem fazer suas compras nesses mercados, o porquê dessas preferências talvez seja uma discussão para um trabalho posterior.

Pesquisar é, sobretudo conviver com o outro, refletir nossas experiências em relação aos pesquisados (PINHEIRO-MACHADO, 2013), principalmente quando esses

pesquisados são nossos vizinhos, convivem no mesmo espaço que nós. Sobre esse tema Pinheiro-Machado contribui:

Mercados e organizações econômicas são temas fundantes da disciplina antropológica, uma vez que constituem um fenômeno presente nos mais variados grupos humanos e, em última instância, respondem à norma universal das trocas recíprocas. Logo, um mercado não é composto somente por interesse, cálculo e valor, mas igualmente, um universo simbólico pelo qual circulam bens, pessoas informações (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p.100).

A feira é um tipo de comércio que mesmo com o passar do tempo e as mudanças no espaço urbano, elas persistem e vão se remodelando nesse espaço, fazendo parte do cotidiano (VEDANA, 2013). A feira tem uma estética remodelada diariamente, seus atores reconstróem sua imagem diariamente, seja essa imagem física, espacial ou até mesmo seus gestos. A feira compõe a cidade, suas bancas estão repletas de sentidos compartilhados por esses atores (VEDANA, 2013).

A feira é uma linguagem, estudar esse espaço é aprender a interpretar uma nova língua. Pinheiro-Machado ressalta:

Mercado é informação. O que se vende como se vende e o quanto se vende falam sobre a cultura de determinado tempo e lugar. Mercado transforma-se conforme a transformação da sociedade. Mercados só existem porque há demanda social. De mandas são desejos. Desejos de bens são fatos simbólicos, pois assumem sentido e valor dentro do contexto social (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p.103).

Estudar esses espaços é participar da construção dessa linguagem. A feira apresenta-se como um mundo repleto de códigos a ser desvendados, os feirantes fazem parte do nosso dia-a-dia e às vezes nem percebemos. Por mais que existam estereótipos, a feira continua aí, firme e forte dentro do espaço urbano. Essa continuação da feira através das mudanças físicas e sociais da cidade deve-se a importância dos mesmos, na verdade a sociedade - por mais que alguns critiquem- querem a feira, querem comprar na feira. O comércio informal já é algo que está fixado em nossa sociedade urbana contemporânea.

1.4 Antropologia na cidade: O meio urbano e seus desafios

Para os gregos a cidade não significava um lugar geográfico, mas uma prática política exercida pela comunidade de seus cidadãos (ROLNIK, 2004). A cidade é mais que um espaço físico, este é o lugar que os indivíduos se confrontam politicamente e

lutam para construir suas redes de sociabilidade. As formas como a cidade se apresenta é repleta de significados, suas praças, suas árvores, seus prédios. Todos contam uma história, guardam memórias. A respeito Rolnik aponta:

A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social (...) ocupando e conferindo um novo significado para o território; estão escrevendo um novo texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases (ROLNIK, 2004, p.10).

Dessa forma, vemos que a paisagem da cidade, assim como de outras coisas, nos narra histórias. Ser participante da cidade significa participar da vida pública, ser ator e construtor da mesma. A cidade é a natureza transformada pelo homem. A respeito desta afirmação Rolnik contribui, “[f]ruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza” (ROLNIK, 2004, p.07-08).

Com o desenrolar dos tempos e mudanças espaciais e sociais, a estética da cidade vai se alterando. Suas casas, seus edifícios, os comércios, o modo como às pessoas se vestem dizem muito a respeito da cidade. Como formula Rolnik, “... a cidade é também um registro, uma escrita, materialista de sua própria história” (ROLNIK, 2004, p.09). Viver na cidade é antes de tudo viver de forma coletiva, suas estruturas físicas e espaciais representam a vida social urbana (ROLNIK, 2004).

Em se tratando da cidade de Redenção, essa não é uma grande metrópole, nem uma cidade em fase de industrialização. De todas as formas, existem normas e padrões que precisam ser seguidos, há um poder administrativo que opera e a controla. Rolnik argumenta:

Mesmo numa cidade perdida nos confins da história ou da geografia há pelo menos uma calçada ou praça que é de todos e não é de ninguém, há o lixo que não pode se acumular nas ruas nem pode ser simplesmente enterrado no jardim, há Igreja ou templo a construir e manter, enfim há sempre na cidade uma dimensão pública de vida coletiva, a ser organizada (ROLNIK, 2004, p.20).

Há uma normatização feita pelo poder público, ou seja, um conjunto de regras que regulamentam os fluxos de pessoas, do comércio, seus horários. Essas talvez sejam as principais diferenças entre campo e cidade. Bem, uma das dúvidas que nos perturbam enquanto moradores da cidade são o que realmente é os limites entre o que é urbano e o

não urbano. De fato não tenho uma resposta para essa indagação. No caso da cidade de Redenção, não existem limites bem claros. O rural está muitas vezes inserido no urbano e creio que esse fato do limite não bem definido é uma realidade de muitas cidades Brasileiras.

Refletindo sobre esta questão, lembro-me de uma situação engraçada que ocorreu na cidade: meu apartamento localiza-se numa das principais ruas da cidade, fica no cruzamento das ruas Ludugero Guilherme da Costa e Siqueira Campos. Essas ruas por sua vez concentra todo o trânsito que passa na cidade. A Rua Siqueira campos é uma extensão da CE 060, essa que liga Redenção a Baturité. A Rua Ludugero Guilherme da costa, assim como a rua citada anterior, também faz parte da rodovia, e em sentido oposto liga redenção a capital do Estado.

Durante todo o dia o trânsito nessas duas ruas é intenso. Um dia sentado na varanda do meu apartamento ouvi um barulho, tratava-se de uma boiada que caminhava dentro da cidade. Fiquei um pouco impressionado, pois esse tipo de evento não é comum no meio urbano. As pessoas olhavam de forma abismada, encantado com aquele fato, enquanto os vaqueiros, figuras típicas do campo, gritavam para guiar os animais. Do mesmo modo, outros fatos típicos do meio rural ocorrem com frequência na cidade.

A forma de urbanização das cidades não é um processo único. As cidades, por sua vez, ainda cultivam fenômenos do meio rural e tradicional. Oliven (2007) em seu livro *A antropologia de grupos urbanos* cita o exemplo do paternalismo, fenômeno esse encontrada nas zonas rurais das cidades do Brasil e na maioria das vezes está presente nos centros urbanos. A urbanização leva em consideração todo um contexto social-político-econômico.

Desenvolvo uma antropologia na cidade (OLIVEN, 2007), pois o que proponho é interpretar o meio urbano através de fatos como o narrado anteriormente. A antropologia urbana estuda os reflexos e transformações que ocorrem no cotidiano, estas vivenciadas são reelaboradas por diversas camadas sociais (OLIVEN, 2007). Interpretar a cidade é sempre está atento aos fatos cotidianos, valorizando os simples eventos. Oliven formula, “[é] observando os acontecimentos corriqueiros e cotidianos que a antropologia pode construir novas interpretações” (OLIVEN, 2007, p.14).

O estudo urbano compreende um grande campo de estudos sociais. Estudar as formas de conflitos e as demais interações é, sobretudo, tentar entender o que a cidade representa para as pessoas, buscar quais são esses fatores que constroem a cidade e a torna tão chamativa. A cidade apresenta uma complexidade de questões a serem estudadas. Como aponta Malinowski (1978), o clássico autor do trabalho de campo e da observação participante:

(...) quanto maior for o número de problemas que leve consigo para o trabalho de campo, quanto mais esteja habituado a moldar suas teorias aos fatos e a decidir quão relevantes eles são às suas teorias, tanto mais estará bem equipado para o seu trabalho de pesquisa. As ideias pré-concebidas são perniciosas a qualquer estudo científico; a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista- esses problemas são revelados ao observador através de seus estudos teóricos (MALINOWSKI, 1978, p.22).

Desta forma, a cidade possibilita uma série de questionamentos que a antropologia, em especial a observação participante proposta por Malinowski se insere como um método com mais eficiência. Meu primeiro contato com o ambiente de pesquisa foi agradável. Mas ao mesmo tempo me colocava em uma série de desafios. Havia dias em que não estava com nenhuma inspiração para pesquisar, parecia que as conversas não fluíam, então mais uma vez, mergulhava em leituras buscando métodos e teorias que poderiam ser utilizados posteriormente. Como ressalta o clássico da observação participante “... o pesquisador de campo depende inteiramente da inspiração que le oferece os estudos teóricos” (MALINOWSKI, 1978, p.23). Oliven ainda contribui e ressalta a importância da antropologia para os estudos urbanos, “... a antropologia dispõe de teorias e instrumentos próprios que podem contribuir significativamente para a compreensão da dinâmica deste tipo de sociedade” (OLIVEN, 2007, p.09).

A cidade é repleta de barreiras simbólicas (VELHO 2013). O contexto urbano tem suas particularidades. Este, usando os termos de Velho, é repleto de heterogeneidades, mas é diversificada quando se trata de escolhas de projetos. Essa heterogeneidade se dá devido os centros urbanos receber pessoas vindas de muitos lugares diferentes. Esses atores trazem em suas bagagens comportamentos e maneiras diferentes de encarar o mundo, de habitar o espaço, estão acompanhados de maneiras distintas de ver e viver a cultura.

Não existe uma “cultura urbana”, a sociedade urbana é uma estrutura social que se caracteriza por uma diversidade maior de papéis, ações e significados (OLIVEN, 2007). Ainda precisamos desmistificar o mito que temos a respeito dos centros urbanos, pensamos esses espaços como um “bicho papão”, uma espécie de monstro que devora as pessoas diariamente, e estamos acostumados a ver o meio urbano como algo que domina todas as ações dos seres sociais, como se esses autores não tivessem vida própria. Um dos desafios antropológicos dentro das cidades é interpretar e desvendar essas questões, sendo que esse desafio torna-se, segundo Oliven (2007), ainda maior devido esse ser nosso próprio espaço. O mesmo autor argumenta:

Um dos principais desafios do antropólogo que estuda sociedade complexas reside justamente em tentar interpretar sua própria cultura e questionar seus pressupostos que são muitas vezes aceitos como fatos inquestionáveis pela maioria da população e inclusive por muitos pesquisadores. Trata-se de compreender nossos rituais, nossos símbolos, nosso sistema de parentesco, nosso sistema de trocas, etc. (OLIVEN, 2007, p.14).

Ao aglomerar pessoas, as cidades aumentam as possibilidades de trocas (ROLNIK, 2004). Essas trocas são simbólicas, mas também materiais: as mercadorias, a mão-de-obra, entre outras. Mas, sobretudo, esse montante de pessoas aumentam a circulação e as trocas de informações, de conhecimentos, de novas formas de viver a urbanidade. Esse mercado de trocas criado pelas cidades exige dos atores uma maior interação indivíduo-sociedade-indivíduo.

Como venho abordando em todo meu argumento, não existe apenas um conceito fixo de cidade. O que existe são características comuns que se repetem na maioria geral dos centros urbanos, levando assim a generalizar o que seria a cidade. Segundo Oliven, "... não se deve falar sobre a cidade, mas sobre diferentes tipos de cidades que variam no tempo e no espaço" (OLIVEN, 2010, p.08).

A cidade por sua vez, engendra o indivíduo em categorias, separa-o em apenas dois mundos. Segundo Agier, "... cada cidadão se sente por um momento entre dois: entre casa e trabalho, entre sua casa e a de um parente, entre a casa de um familiar e a de um amigo" (AGIER, 2011, p. 97).

Agier questiona qual a dimensão de cidade hoje, e qual sua relação com os indivíduos que a habita. Ele destaca que existem situações que permitem descrever os

diferentes momentos das relações entre os habitantes da cidade e dos indivíduos entre si. Elas são: “situação ordinária, extraordinária (ou ocasional), situação de passagem e ritual” (AGIER, 2011, p.92). Em todas as situações Agier destaca a interação indivíduo-espaco-tempo.

Agier (2011) enfatiza a importância de uma destas categorias: a situação ritual. Esta segundo o autor, é responsável em “quebrar” a rotina tensa que a cidade contemporânea criou. Nos termos deste autor, “... as situações rituais são marcadas por uma distancia do cotidiano regrado de acordo com diversas formas liminares (inversão, perversão, travestimento, criação de um mundo imaginário)” (AGIER, 2011, p.97). Nessa situação os cidadãos tentam fugir do ritmo acelerado da cidade.

As situações criam nossas identidades com nosso contexto e com o espaço que habitamos, dar-nos questionamentos sobre nosso próprio espaço. Agier destaca a importância das situações rituais, “[a] importância atual das situações rituais na vida urbana deve-se também ao fato de que são o lugar de um deslocamento da atividade propriamente ritual para uma criação artística, fazendo surgir as ‘artes de rua’” (AGIER, 2011, p.99).

O simples ato de fazer compras na feira ou ir a igreja no domingo pode ser encarado como situações rituais. Nessas situações, há uma quebra de hierarquia entre os indivíduos. Na igreja, por exemplo, no momento de oração todos os atores parecem compartilhar dos mesmos sentimentos, busca o mesmo fim, a adoração. Deixar esse exemplo apenas por achar que ficaria melhor, mas na feira, como no exemplo anterior os atores estão em um nível “igual”, todos estão ali para fazer suas compras semanais ou do domingo. Ali não se percebe uma diferença clara entre patrão e empregado, o que prevalece são pessoas adquirindo produtos ou conversando. Nesse sentido o meio urbano gera uma aparente homogeneização.

A cidade ao mesmo tempo em que causa essa fragmentação, ela causa de certa forma também uma homogeneização (OLIVEN, 2010). O meio urbano ao atrair pessoas e diferentes formas de pensamentos, exige dos cidadãos uma forma homogênea para que todos possam ocupar o espaço sem desavenças.

O contexto urbano é marcado por uma série de normas, regras a serem seguidas para que haja um bom desenvolvimento da mesma. A economia do dinheiro é a principal característica da cidade moderna (SIMMEL, 1973). Marcada por uma constante fragmentação, o contexto urbano altera os sentimentos dos atores, suas mentes (SIMMEL, 1973). Simmel ainda aponta, “[o]s problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida” (SIMMEL, 1973, p.11). Entretanto os fatores sociais variam de acordo com o tamanho da cidade (WIRTH, 1967). Numa cidade como Redenção, a fragmentação é menor e certamente ela varia de acordo com o grupo social em questão. Ao tentar formular um conceito de cidade, Wirth nos ajuda da seguinte forma:

Na formação do conceito de cidade, é necessário sermos cautelosos, a fim de evitaremos que identifiquemos o urbanismo como modo de vida com quaisquer influências culturais local ou historicamente condicionadas, as quais, embora possam afetar expressivamente o caráter específico da comunidade, não são determinantes essenciais do seu caráter como cidades (WIRTH, 1967, p.95).

Para fins de investigação, a cidade seria definida como um núcleo grande ou pequeno, denso e permanente, habitados por indivíduos socialmente diferentes (WIRTH, 1967). Não se pode caracterizar uma comunidade como urbano levando apenas em consideração o seu tamanho (WIRTH, 1967). Existem comunidades em torno dos grandes centros urbanos que expressam características urbanas, mas elas não são consideradas como cidades. O urbanismo é, sobretudo, a influência que a cidade gera sobre os contextos. Segundo Weber (1967), a cidade se diferencia do campo apenas por apresentar um mercado e um governante. Sem dúvida, essa é a principal diferença que percebo na cidade de Redenção.

Uma questão importante que temos que ter em mente é não confundir o urbanismo com industrialização. Quando falamos em cidades sempre a temos como símbolo do capital e da indústria. As cidades contemporâneas são industrializadas, mas temos que pensar que mesmo antes da industrialização e desse capitalismo como forma “opressora”, segundo Weber (1967) já existiam cidades. Segundo esse mesmo teórico, o comércio regular é outra característica que diferenciaria a cidade do campo.

Pesquisar nas cidades é importante para compreendermos nossa sociedade como se apresenta na atualidade. Com aponta Oliven, “[u]ma vez que se reconhece que as cidades devem ser compreendidas historicamente como partes integrais de sociedades mais abrangentes, pode-se discutir a importância que a vida urbana tem para vários fenômenos sociais” (OLIVEN, 2010, p.12).

Minha maior dificuldade foi à aproximação e minhas ideias pré-concebidas sobre esse ambiente. Minha aproximação ocorreu de forma lenta, em cada abordagem alguns me olhavam com desconfiança, com certo receio, não sabiam nada sobre esse “tal assunto de pesquisa”. Primeiro fui conversando, estabelecendo laços, criando diálogos, e só então me identifiquei como pesquisador. O que era estranho se tornou familiar, agradável, a desconfiança sobre aquele homem com um caderninho e uma câmera fotográfica virou amizade e se tornou natural. Segundo Velho, “[o]s cientistas sociais, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos etc. estão constantemente entrando em áreas antes invioláveis, levantando dúvidas, revendo premissas, questionamentos” (VELHO, 2013, p.74).

A questão seria como eu conseguiria ver e ouvir o outro, interpretar essa informação. Na pesquisa etnográfica, segundo Cardoso de Oliveira (2006), temos que disciplinar nossos olhares e ouvidos. Um sentido completa o outro. Cardoso Oliveira enfatiza, “[s]e o olhar possui uma significação específica para o cientista social, o ouvir também goza dessa propriedade” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p.21).

O pesquisador encontra na investigação urbana uma série de problemas complexos (AGIER, 2011). O estudioso precisa estar atento a formas como os indivíduos se autodominam dentro da cidade. Como aborda os estudiosos da antropologia não existe uma receita pronta ensinando fazer pesquisa, o pesquisador precisa fazer parte da rotina do grupo social a qual está participando (ECKERT; ROCHA, 2008). Sem dúvida, estabelecer o contato com as representações a qual iremos conviver na pesquisa é uma das dificuldades que encontrei enquanto pesquisador, principalmente quando este tem que entrar em contato com o objeto de pesquisa. Pois “... a primeira atitude do(da) jovem cientista é aproximar-se das pessoas, dos grupos ou da instituição a ser estudada para conquistar a concordância de sua presença para a observação sistemática das práticas sociais” (ECKERT; ROCHA, 2008, p.02).

Ao fazer meu trajeto diariamente entre minha casa e a universidade, observava a feira e pensava que tipo de abordagem eu iria fazer, como conseguiria ganhar a confiança dessas pessoas. Vi naquele espaço um desafio, pois na verdade eu teria que entrar na vida dessas pessoas, em seu cotidiano, trabalho. Teria que construir um diálogo e dominar os códigos ali existentes, afinal, o ambiente de pesquisa requer uma série de trocas, negociação e compartilhamentos entre pesquisador e pesquisados (ECKERT; ROCHA, 2008).

Uma das minhas dificuldades provém de minha família ser do campo. Eu até então não tinha uma dimensão do que seria o urbano, e ao me envolver com teorias das cidades percebi o quanto a esta pode ser imprevisível. Narrarei a seguir minha primeira experiência de campo.

Estávamos cursando a disciplina de antropologia urbana e marcamos então uma primeira aula de campo na cidade de Redenção. Era dia dezoito de março de 2014. Reunimo-nos na “praça dos moto taxistas” da cidade, éramos um total de sete pessoas incluindo a professora. Às nove horas da manhã partimos em uma caminhada dentro da cidade com o intuito de observar e descrever os espaços e as relações dos indivíduos dentro desse contexto. Não tínhamos nenhum objeto de pesquisa fixo, queríamos apenas sensibilizar nossos olhares e ouvidos aos fenômenos que estavam ocorrendo.

Ao sairmos percebi pessoas conversando em um bar tranquilamente, eram homens. Mais adiante adentremos no mercado central da cidade para observar o lugar, sua estética e as pessoas que vendiam ali. Ainda sem saber o que é de fato etnografia urbana, fico confuso sobre o que teríamos que perceber ali, o que iríamos descrever, interpretar.

Conversamos com algumas pessoas ali e andamos na feira. Depois resolvemos sentar um pouco em bancos na praça próximo a igreja da cidade. Naquele espaço, enquanto algumas pessoas trabalhavam outras conversavam livremente. Durante a nossa volta o que me chamou a atenção foi uma blitz realizada pela polícia rodoviária Estadual. Durante essa abordagem policial, notei que a cidade inteira “parou”. Por algumas horas, as pessoas deixaram suas atividades cotidianas e reuniram-se para presenciar o “evento”. Na praça onde estavam os policiais, mais de cem pessoas assistiam o ocorrido e muitas estavam surpresas, pois esses acontecimentos não ocorrem

com frequência na cidade. Conversei com algumas pessoas e até com os policiais para saber o porquê de tanta agitação, particularmente eu nunca tinha presenciado algo parecido. Eckert e Rocha descrevem o papel da prática etnográfica e o papel do pesquisador:

(...) a prática etnográfica se traduz na memorização de acontecimentos orais (cerimônias, conversas, relatos, comentários, interações verbais, etc) que necessitam ser registrados, classificados, correlacionados, comparados e, logo após, retomados pelo etnógrafo na forma de estudos monográficos, através do uso de conceitos teóricos e metodológicos do seu campo disciplinar e não do próprio 'nativo'. Todo(a) o(a) etnógrafo(a) é por assim dizer um(a) escriba (ECKERT; ROCHA, 2008, p.06).

Outro dia, na segunda tentativa de ir a campo, avistei duas mulheres, vendedoras. Elas vendiam roupas e tecidos na praça da cidade. Os objetos para a venda não estavam em uma banca, eles estavam apenas expostos em cima de grande pano espalhado no chão. Estava chovendo e eu tentava me esquivar da chuva usando como proteção os telhados dos estabelecimentos, os quiosques da praça. Estava com meu caderno de campo e com a câmera fotográfica por isso não podia me molhar.

Decidir tentar esconder a câmera no bolso da bermuda. Ao me aproximar das vendedoras elas perceberam que eu estava com algo dentro da roupa, ficaram assustadas pensando que fosse um assaltante, vi em seus rostos uma expressão de medo. Aproximei-me e elas perguntaram o que era aquele volume em minha bermuda, expliquei e então passado o susto todos começaram a rir.

Ao analisar o caso percebo que essa confusão talvez não ocorresse em outro ambiente de pesquisa, talvez no campo por exemplo. É comum ouvir de alguns amigos que fazem pesquisa na cidade casos parecidos com o meu. Eles contam que na maioria das vezes são confundidos com fiscais da prefeitura. Penso que seja normal as pessoas da cidade de Redenção pensar dessa forma, pois a cidade começou ser alvo de pesquisa há pouco tempo devido a instalação da universidade.

A pesquisa no meio urbano exige um esforço intelectual assíduo. Transformar essas memórias e acontecimentos vividos e percebidos em material palpável, algo escrito, requer do pesquisador uma enorme reflexão. Percebemos nos casos narrado anteriormente sobre minhas primeiras experiências em campo, o quanto a pesquisa,

especialmente no meio urbano, pode ser surpreendente. Em uma sociedade que a cada dia surge atores diferentes e características sociais diferentes, o pesquisador urbano tem que se movimentar constantemente. Movimentar não no sentido físico ou espacial, mas sim no sentido intelectual de perceber como os acontecimentos alteram a rotina e muda às relações dos atores.

Mostrei neste capítulo o conceito de sociabilidade e como podemos aplica-lo na feira de Redenção. Refleti o consumo muito além da obtenção de bens, tentando pensar os simbolismos nos atos de consumir.

Além disto, situei minha pesquisa e expliquei esta escolha, que se deu devido o envolvimento de minha família ao mercado informal quando eu criança. Ademais refleti sobre a pesquisa antropológica na cidade, apontando algumas dificuldades.

No próximo capítulo irei discutir a informalidade, suas causas e descrever detalhadamente a feira de Redenção, analisando e refletindo sobre os acontecimentos que desenrolam neste espaço, como algumas trocas e possíveis conflitos.

2 ESTÉTICA INFORMAL, RELAÇÕES SOCIAIS E COMPANHEIROS DE TRABALHO NA FEIRA



Figura 1. Rua com o fluxo mais intenso da feira

Fonte: foto do autor

Em algumas vezes costumamos confundir informal com algo ilegal, em outras confundimos o informal com o desorganizado entre outras confusões. Podemos de certa forma aceitar essas confusões - por parte do senso comum - pois esses temas são bastante complexos.

Discuto aqui o conceito de informalidade, apontando suas possíveis causas, comparando com a cidade de Redenção e tentando interpretá-la no contexto local, especificamente na feira. Descrevo as características da feira, sua estética e suas formas, como seus vendedores constroem a estética da cidade (PINHEIRO-MACHADO, 2013), explicando a organização da feira e tentando desmistificar esses espaços como desorganizados, explicando a diferença de informal e desorganizado e enfatizando que na feira existe uma organização interna. Mais adiante descrevo etnograficamente as relações entre os atores sociais dentro da feira, família, amigos, ajudas, conflitos, atentando para as relações entre os vizinhos da feira.

2.1 Informalidade na cidade

Adentrar no tema informalidade é demais complexo, pois corremos o risco de atribuir em nossa pesquisa o conceito de algo ilegal, proibido (NORONHA, 2003), (PINHEIRO-MACHADO, 2008). Sendo que esses conceitos são frequentemente aplicados.

A noção de informalidade depende da noção de formalidade, como aponta Noronha “... a compreensão da ‘informalidade’ ou dos contratos atípicos depende antes de tudo da compreensão do contrato formal predominante em cada País, setor ou categoria profissional” (NORONHA, 2003, p.112). De acordo com Noronha (2003), as noções de informalidade no Brasil começam a aflorar nos anos de 1930 e 1940. Durante essas décadas “... o corporativismo de Estado de Vargas estabeleceu um amplo código de leis do trabalho, o qual marcou o mercado nacional por todo o século. A partir de então, as noções de ‘formalidade’ e ‘informalidade’ foram pouco a pouco sendo construídas” (NORONHA, 2003, p.113).

No final da década de 80, a informalidade é encarada como uma herança de uma economia semi-industrializada e que seu fim era uma questão de tempo e desenvolvimento (NORONHA, 2003). Ainda sobre esse assunto Maricato completa, “... as cidades que mais crescem nos anos 80 são as de porte médio (...). As metrópoles não detêm mais as maiores taxas de crescimento” (MARICATO, 2009, p.272). Interpretando Maricato, podemos perceber que com o aumento dessas cidades, conseqüentemente o informal tende a aumentar. Ao que percebemos atualmente, a informalidade não desapareceu, ao contrário, ela continua dominando a paisagem de muitas cidades brasileiras.

São diversos motivos que levam as pessoas a aderirem à informalidade, alguns deles são: família, salários, autonomia, entre outros. Dentre estes costumamos atribuir como causa desse fenômeno apenas o desemprego. Sobre este fator Maricato (2009) explica, “[a]s cidades brasileiras são reflexos da desigualdade social...” (MARICATO, 2009, p.273).

Entretanto como ressalta alguns teóricos da informalidade, esse não funciona como único causador, Pinheiro Machado formula:

Mesmo que o trabalho informal seja, indubitavelmente, fruto da maneira desigual com que o capitalismo se expande, não podemos negar que ele também tem sua origem na própria ética capitalista. O desemprego, nesse sentido não constitui o único fator explicativo para o fenômeno da informalidade. Em última instância, é o *ethos* que faz com que os sujeitos legitimem-na socialmente, no momento que estão imbuídos do desejo de ser patrão, de estar no topo da cadeia, de trabalhar por si próprio e, principalmente, de mandar. Podemos dizer, lato sensu, que o trabalho informal é resultado tanto das condições materiais produtoras de desigualdade, como da subjetividade dos indivíduos, movimentados por um espírito empreendedor (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p.120).

A informalidade não deve ser concebida como ilegal, o mercado informal parte também da ideia de liberdade (PINHEIRO-MACHADO, 2008). É verdade que esse é um sentimento que ronda o mercado de trabalho. Quem nunca ouviu alguém falar que gostaria de ser o seu próprio patrão? Por trás do mercado informal existe uma ideia de autonomia. Por exemplo:

Chego na feira as sete horas da manhã, Dona Josefa tomava café ali mesmo. Ela comia uma coxinha de frango e tomava um café. Sentei próximo a ela, em um banquinho de madeira e começamos a conversar. Percebi que sua rotina não é padronizada, que não há horários separados, os feirantes não dispõem de horário para lanches e almoços. Não existem horários fixos como em comércios formais (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 11-07-2014).

A informalidade proporciona uma quebra na dinâmica de trabalhar, cria e recria uma nova forma de desempenhar negócios. A informalidade proporciona aos atores um pouco de “autonomia”. Por exemplo, na feira de redenção, espaço que realizo minha pesquisa, os atores constroem suas rotinas de acordo com suas necessidades de trabalho. Na feira observo:

Já passava de sete horas da manhã. Luís e Ivonete – estes dois são irmãos e vizinhos de feira – ainda montavam as peças de roupas em suas bancas. Conversavam tranquilamente (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 16-07-2014).

De segunda a sábado o movimento da feira é menos intenso, dessa forma os feirantes têm uma maior flexibilidade com os horários. Ao ver esse fato, me deparei com a mobilidade que o trabalho informal proporciona. Os trabalhadores da feira de Redenção criam e recriam suas próprias rotinas que ao contrário do domingo quando o fluxo de clientes aumenta, passa-se a ter um maior controle do horário. Esta rotina, ao que percebi, é feita de acordo com as necessidades de venda e dinâmica da feira, ou

seja, em muitas vezes constatei com os feirantes criam seus horários de trabalho de acordo com o fluxo de clientes.

Por mais que o desemprego não funcione como o principal motivo da informalidade, em Redenção percebo que esse fator é sim importante e que devemos analisá-lo. Maricato (2009) comenta sobre o processo de urbanização brasileiro, “... o processo de urbanização foi acompanhado de queda do crescimento econômico e recuo do investimento em políticas públicas e sociais” (MARICATO, 2009, p.273). Segundo a mesma autora, o baixo crescimento econômico e a política de ajustes fiscais fizeram com que a taxa de desemprego aumentasse (MARICATO, 2009). Desta forma, o desemprego seria a falta de investimentos em políticas de inclusão social, e na falta destas políticas a população adere à informalidade como meio de sobrevivência. A falta destes investimentos por parte do governo tende a criar um exílio dentro da própria cidade, aumentando o número de desempregados (MARICATO, 2009). A mesma autora nos fornece alguns dados do nosso contexto nacional:

O Brasil, por exemplo, cresceu 7% ao ano de 1940 a 1970. Na década de 1980, cresceu 1,3%, e na década de 1990, 2,1%, segundo o IBGE. Ou seja, o crescimento econômico do país, nas duas últimas décadas do século XX, não conseguiu incorporar nem mesmo os ingressantes da População Economicamente Ativa (PEA) no mercado de trabalho, o que acarretou consequências dramáticas para a precarização do trabalho e, conseqüentemente, também para a crise urbana (MARICATO, 2006, p. 212-213).

Ao conversar com os feirantes da feira de Redenção, percebo que a informalidade aqui tem como um de seus motivos a falta de oportunidades, de outros trabalhos. A maioria dos feirantes já trabalhou com carteira assinada e contam até que a questão do salário da feira que não é fixo às vezes desmotiva-os, relatando ainda que gostavam de seus trabalhos formais, estes por que ao contrário da feira tinha um valor fixo de pagamento. A decisão de sair dessa formalidade era devido os empregos serem em outras cidades, na maioria dos casos estes eram na capital do Estado. Em um destes relatos um feirante me conta:

Eu trabalhava montando estruturas para construção civil e viajava todo o País. Ficava muito tempo longe de casa. Não tinha muito estudo e isso dificultou meu rendimento na empresa. Se eu tivesse estudo, tinha sido chefe rapidinho (LUÍS, FEIRA DE REDENÇÃO, 10-11-2014).

O conceito de informalidade adquiriu o significado de ilegal devido a abordagens econômicas que vinculam o informal a atividades periféricas não rentáveis (NORONHA, 2003). Noronha ainda esmiúça o conceito informalidade “... o uso coloquial do termo no Brasil está ligado à legislação: o trabalho é formal se, e somente se, o trabalhador possui carteira de trabalho assinada ou registro de autônomo ou, ainda, status de empregador” (NORONHA, 2003, p.115). O autor continua enfatizando que existe vários tipos de interpretação acerca da informalidade no Brasil. Uma delas justamente é a interpretação econômica (NORONHA, 2003).

Sobre essa interpretação acima, Noronha contribui:

Contrastando-a, juízes e procuradores, por seu próprio *ethos* profissional classificam como ilegal a maior parte das situações entendidas como “informal” pelos economistas. Sob a influência de ambos (bem como dos institutos de pesquisa) a população tende identificar “informal” como ausência de carteira de trabalho e, em decorrência, com “injusto” (NORONHA, 2003, p.115).

Para fins desse trabalho, levo em consideração – não que esse seja o foco principal do trabalho – a interpretação econômica que tende a informalidade apenas como ausência do contrato de trabalho. Entretanto estou pensando esta informalidade apenas em relação a manutenção do comércio, ou seja, em que grau ela contribui para dinâmica da feira, pois a informalidade permite uma dinâmica e transformações. A feira, por exemplo, diariamente se altera de acordo com a demanda da população, de acordo também com o tempo histórico e desejos da sociedade. Sobre a dinâmica dos mercados informais Pinheiro-Machado reflete:

Mercado é informação. O que se vende, como se vende e o quanto se vendem falam sobre a cultura de determinado tempo e lugar. Mercado transforma-se conforme a transformação da sociedade. Mercados só existem por que há uma demanda social. Demandas são desejos. Desejos de bens são fatos simbólicos, pois só assumem sentido e valor dentro de contexto social (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p.103).

Ao longo de minha pesquisa observei como as bancas aumentam, mudam seus arranjos e dependendo da situação mudam de lugar espacial. A feira para algumas pessoas pode apresentar um aspecto desorganizado, comento sobre desorganização pois caímos ainda no erro de confundir o informal com o desorganizado. Entretanto, paralelo a esse conceito, elas são organizadas, organizadas por que apresenta sua própria

organização interna, organização essa percebida apenas quando estamos observando atentamente a esse tipo de comércio. Percebo esta organização da seguinte forma:

Conversando com um feirante, pergunto se ele negocia diariamente naquele espaço, este que se localiza em cima da Praça da Igreja da Cidade. Ele me diz que sim, salvo nos domingos quando ele tem que mudar sua banca para o outro lado da rua. Segundo o vendedor, aquele espaço é de outro feirante que todos os Domingos vêm negociar em Redenção (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 08-04-2014).

Desse modo, podemos enfatizar que a informalidade não é uma desorganização, uma guerra de todos contra todos. Digo que ao contrário do que muitos pensam a informalidade não é algo desorganizado “... mercados informais não constituem uma expressão caótica: eles têm ordem, forma e lógica” (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p.123). Mesmo nos comércios informais existe uma rede de organizações internas, seja ela feita pelo poder Estatal ou como no caso de Redenção, elaboradas pelos próprios feirantes.

Em algumas feiras é possível que o poder Municipal as organize e cobre alguma espécie de imposto sobre as mesmas. No caso da feira de Redenção, segundo os feirantes, não é cobrada nenhuma taxa. A antiga Gestão Municipal cobrava dez reais por feira, esta cobrada apenas sobre a feira do Domingo. Com a nova gestão que começou em 2013 essa taxa deixou de ser recolhida, não se sabe ao certo que motivo levou a essa decisão. Uma feirante afirma:

A gente não paga imposto. Na outra gestão municipal eles cobravam dez reais por feira hoje eles não cobram mais. O dinheiro que gasto é para pagar uma pessoa para montar e desmontar minha barraca. Pago quarenta reais por mês (JOSEFA, FEIRA DE REDENÇÃO, 02-10-2014).

Apesar de em algumas vezes serem marginalizados, os comércios informais fazem parte da economia. Esses comércios, por meios de suas negociações, fazem girar capital e geram seus próprios “empregos”. Na feira de Redenção alguns feirantes contratam empregados, principalmente no final do ano quando as vendas aumentam. A respeito da circulação de capital no meio informal, Pinheiro-Machado contribui:

(...) longe de ser marginal ao capitalismo e ao desenvolvimento, a economia informal é parte estruturante dos mesmos. Os vendedores de rua são responsáveis por levar bens de consumo às classes de baixa renda, bem como por movimentar a economia em diversos setores da

sociedade ao abrirem conta em bancos e crediários e, assim, tornaram-se igualmente consumidores (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p.129).

Chego à feira e vejo bancas sendo montada às oito horas da manhã. Do outro lado percebo que alguns feirantes não vieram hoje e depois de uma manhã de pesquisa na feira vou para minha casa. No caminho vejo um senhor vendendo salgados, mais adiante próximo ao meu apartamento encontro uma senhora vendendo cafezinho. À noite vou para a universidade e quando chego lá me deparo com uma senhora vendendo lanche. A informalidade está por todos os lados, compreender o que representa essa informalidade é essencial para interpretamos o que representa o comercio informal para essas pessoas.

2.2 Estética da informalidade

A feira é uma maneira de apropriação do espaço urbano, espaço esse repleto de sociabilidade. Este tipo de apropriação da cidade enriquece sua diversidade e à torna um centro de pluralidades. Acerca dessa apropriação, Araújo destaca:

(...) desde a era Medieval, perpassando pela época moderna e o momento histórico da contemporaneidade, as feiras (...) consistem num verdadeiro mosaico de espaços de sociabilidade, em que a relação estabelecida entre tempo, agentes sociais e processos concorre para que a vida cidadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano (ARAÚJO, 2011, p.90).

De segunda aos sábados a feira de redenção é um pequeno aglomerado de bancas, cerca de doze bancas apenas. Estas se localizam na Rua Capitão Felix Nogueira, em uma espécie de rua que não é movimentada e também não é asfaltada. O aglomerado de bancas segue em direção à praça principal da cidade, a Praça da Igreja Matriz de Redenção.

Durante esses dias, o movimento começa por volta das sete horas da manhã, é comum chegarmos à feira os oitos horas e ainda vemos feirantes montando as estruturas de suas bancas. Quando chega às onze horas, alguns feirantes já começam desmontar suas bancas e guardarem seus produtos.

Ao longo da praça existem poucas bancas, em sua maioria são bancas que vendem acessórios como: óculos, bonés, CDs e DVDs. Em cima da praça o movimento

de pessoas durante esses dias da semana é lento, o silêncio predomina nesse espaço na maioria do tempo.



Figura 2. Foto retratando a estética em cima da praça principal da cidade
Fonte: foto do autor

Aos domingos essa estética é totalmente alterada, o espaço se transforma de maneira significativa. Além dos vendedores locais, a feira atrai vendedores de todo o maciço e até da capital do Estado. Podemos encontrar na feira de Redenção vendedores de Aracoiaba, Capistrano, Baturité e muitas outras cidades vizinhas. Sobre a instalação desses mercados informais, Vedana contribui:

A instalação de uma feira livre no ambiente de uma rua ou largo representa uma quebra de continuidade na atmosfera cotidiana do bairro, criando um novo evento, estabelecendo novos percursos e novas possibilidades de sociabilidade. A instauração desse tempo do mercado mobiliza os habitantes da cidade e dos bairros aderirem a um espaço particular e circular por ele. Ao mesmo tempo, esse evento de mercado que pontua o cotidiano e passa a fazer parte dele (VEDANA, 2013, p.160).

Com o aumento dos vendedores, os clientes paralelamente tendem a crescer, então, os sons daquele ambiente aos poucos vão se transformando. O cheiro de frutas e legumes e sons tomam conta do centro da cidade, sons esses de passos, pessoas andando

entre as bancas, sons de conversas, propagadas de feirantes. Percorro o espaço e escuto vozes sendo entoadas, tento descrevê-las:

“Freguês, freguês, essa aqui é boa, (...) aqui é mais barato”

Nesse dia o horário também se altera, O movimento dos feirantes começa no dia anterior, sábado. No sábado à noite, por volta das 19 horas, podemos perceber uma grande movimentação dos feirantes nesse espaço e nesse momento eles já se preparam para a feira. Alguns, principalmente da cidade de Redenção já começam a montar suas bancas.

Moro nas proximidades da feira e percebo que ao longo da noite do sábado o movimento é intenso. No domingo, por volta das cinco horas da manhã começam a chegar os feirantes de outros municípios, o trânsito se intensifica, eles chegam em paus de arara³ e em ônibus. Nesse momento, a feira já vai assumindo formas.



Figura 3. *Movimento dos fregueses aos domingos*

Fonte: foto do autor

³ Transporte usado para transportar as pessoas das zonas rurais para o centro da cidade. Este transporte é bem característico do Nordeste Brasileiro.

Na Rua Capitão Felix Nogueira a estética é o seguinte: Nessa parte da feira vendem-se apenas roupas, artigos masculino, feminino, infantil, cama, mesa e banho. As bancas nessa rua estão organizadas em três fileiras: um corredor central onde circulam a clientela e além desse corredor, tem a calçada das lojas, essa calçada os clientes traçam percursos alternativos. Do outro lado da rua, à direita, situa-se apenas o muro do hospital da cidade. Nesses corredores como nas calçadas a circulação de pessoas é intensa. Sobre esta circulação Vedana enfatiza, "... uma característica marcante dos mercados de rua é a agitação de seu corredores e a construção de percursos pelos fregueses que se deslocam entre as bancas, fazem suas escolhas, encontram vizinhos e preenchem o espaço..." (VEDANA, 2013, p.150).

Os corredores nessa parte da rua são estreitos, algumas peças de vestuários ficam expostas de uma forma que interfere na visualização do corredor. Os clientes precisam tocar nas peças para abrirem o caminho. Dessa forma, fica mais fácil o feirante abordar o freguês e fazer toda propaganda. Essa forma de exposição desperta certa curiosidade do freguês, a todo o momento em seu deslocamento no corredor, ele se depara com uma surpresa. A cada nova banca, uma conversa, uma oferta, uma possibilidade e deste modo os feirantes e fregueses vão construindo a poética da feira (VEDANA, 2008).

Como narra a autora citada à cima, os mercados informais não são apenas centros de compras, eles são, sobretudo, ponto de encontros de amigos e vizinhos. Na feira de Redenção é comum ver as pessoas conversando entre os corredores, os clientes "batem papo", sentam próximos as bancas para tomarem café. O ato de ir feira, é assim a quebra da rotina, o lazer. Nesses momentos, a sociedade, em termos de socialização vai tomando forma, os atores sociais, através desses encontros, sejam casuais ou combinados, vão perpetuando suas redes de relações.

A Rua Juvenal de Carvalho que dá acesso à CE 060 - esta que liga Redenção à Baturité - fica totalmente bloqueada, forçando os veículos a mudarem o trajeto. Desse modo, a feira altera o trânsito da cidade, ela em si altera a dinâmica do centro.

Nessa rua concentra-se a venda de frutas e legumes e o cheiro intenso das frutas toma conta do ambiente. As verduras, os legumes e os cheiros fortes das frutas despertam uma concentração intensa de fregueses nessa parte, além da maior

intensidade sonora de anúncios dos feirantes. De acordo com Vedana, a feira narra e representa a cidade a partir de suas imagens. Como Vedana apontou:

(...) as múltiplas feições dos mercados de rua evocam as maneiras como nas cidades contemporâneas são agenciadas as formas de expressar seus traços culturais, as maneiras de viver o tempo do cotidiano e de conformar uma estética urbana (VEDANA, 2013, p.161).



Figura 4.



Figura 5.

As duas fotos é da Rua Juvenal de Carvalho, no qual predomina a venda de frutas e legumes.

Fonte: fotos do autor

No mercado central da cidade, ambiente coberto, predomina a venda de carnes e o espaço é feito de tijolos. Em vez de bancas o que tem é prateleiras de tijolos e cerâmica. Esse por ser um ambiente construído pelo poder municipal, ao que percebi é uma tentativa de padronizar o ambiente, domesticá-lo, torna-lo algo formal.

Existe uma intensa disputa sonora entre as feirantes e as lojas, essas por estarem mais aparelhadas com microfones e alto-falantes mais potentes, se sobressaem diante dos gritos dos feirantes. Mas vale ressaltar que alguns feirantes também dispõem de alguns equipamentos e som.

Os anúncios por parte dos feirantes se tornam atrativos devido ao tom de descontração que estes apresentam, e as brincadeiras entre feirantes e clientes possibilitam uma margem de negociação. Ali na feira os preços não são fixos, os feirantes tem a autonomia de alterá-lo de acordo com o diálogo com o freguês, essa é uma das grandes diferenças dos mercados informais. O diálogo entre feirantes e fregueses se dão na maioria das vezes desta forma:

“Quanto é a blusa?
quinze reais!
faz por doze não?
hum...me dá os treze!
feito!”

Assim os negócios vão se concretizando.

Investigar a formas de sociabilidade é algo fascinante, como é possível tantas pessoas de lugares diferentes, trajetórias diferentes, religiões, personalidade, conviverem lado a lado, seja cotidianamente ou semanalmente? O mais espetacular é que eles convivem em um lugar onde o senso comum costuma caracterizar com “desorganizado”. Sobre essas diversidades, Araújo reflete:

Mesmo que sejam todos feirantes, características existem como os rendimentos, ofertas de produtos múltiplos de mercadorias e origens diversas. São ofícios, portanto, que fazem parte da construção identitária de cada sujeito a partir de inúmeros elementos, que vão desde suas experiências individuais e coletivas, formação religiosa, educacional, familiar, memórias individuais e de grupo. Em conjunto essas especificidades fazem com que, mesmo pertencentes a um grupo

social, os indivíduos possuem interpretações e valores diferenciados. (ARAÚJO, 2011, p. 103-104).

A feira é algo que já faz parte da estética urbana, seus vendedores constroem a estética da cidade (PINHEIRO-MACHADO, 2013). Esse fato é algo perceptível na feira de Redenção. Noto que esse desvio do trânsito aos domingos, não se torna “caótico”, ao que me consta, toda a cidade já está adequada a esse ritmo.

Ao convidar Ariane, amiga e colega de universidade para ir comigo em um domingo na feira, ela apresentou uma reação bem interessante. Ela falava de cheiros, de barulhos, pessoas andando o tempo todo. Vi em seus olhos um certo fascínio ao observar os clientes que ali passavam. Ela falava: “[a]qui é muito interessante, tem gente de toda cor. Aqui é diferente de Fortaleza, os feirantes são mais silenciosos. Feira é um lugar doido” (ARIANE, FEIRA DE REDENÇÃO, 21-07-2014).

Minha amiga tentava comparar - através da observação dos gestos dos feirantes, fregueses e sons - cidades diferentes. Ao ouvir suas palavras, noto que as imagens atribuídas aos comércios informais são generalizadas, alguns pensam as feiras como ambientes todas iguais, feira de Redenção igual à feira de fortaleza, feira de redenção igual à feira de Baturité, entre outras comparações. Temos que levar em consideração que os processos de formação das cidades e de seus atores sociais são diferentes (OLIVEN, 2007). Em cada cidade os atores tem uma maneira diferente de se expressar, de viver o urbanismo (WIRTH, 1967).

Dia 21 de outubro comemora-se o dia do comerciário. Neste dia, uma terça feira, muitos dos feirantes resolveram não trabalhar, isso apesar da feira ser um comercio informal, alguns vendedores resolveram aderir ao calendário. Nesse dia a paisagem da cidade estava alterada. Por volta das oito e trinta da manha, alguns vendedores ainda montavam as bancas, em vez da feira que constituía a paisagem da rua, persistia ali o silencio, pois, “... as feiras e os mercados são identificados como elementos importantes na estrutura social do meio urbano, pois são constituídos de uma dinâmica específica de ocupação do espaço” (VEDANA, 2004, p.11).

A feira faz parte do cotidiano da cidade, preenche as ruas. Assim como a cidade tem seus bancos, suas praças, suas casas e edifícios, que juntos contam a historia da cidade, a feira conta não apenas uma historia comercial, narra também sobre as

identidades, trajetórias de vida, sentimentos. Como apontou Vedana, “... o que temos então é o mercado como uma expressão de vida na cidade...” (VEDANA, 2008, p.90).

A feira de Redenção, junta-se à imagem da cidade construindo uma dinâmica, uma nova paisagem, paisagem está que naturalizamos cotidianamente. Às vezes não notamos o quanto a feira é a própria cidade, que quando não está naquela rua ou praça como de costume, deixa a cidade parada, sem vida. O mercado é assim, um símbolo de vida cidadina.

2.3 Família, Amigos e Vizinhos

Durante minha pesquisa conheci varias pessoas, cada uma com seu jeito, com suas características, com suas trajetórias de vida. Pessoas que mesmo com suas subjetividades convivem juntas ali, dividem um mesmo espaço, interagem entre si, interação essa que ao longo do tempo constroem amizades, laços de carinho, ou até mesmo intrigas.

Meu primeiro contato na feira foi com dona Josefa, minha primeira colaboradora, Senhora de 47 anos, parda, solteira, mãe e feirante assídua, despertou em mim um enorme carinho. Nascida no interior do Município (Serra de Redenção), sua família é formada de agricultores. Segundo a senhora, sua mãe e sua irmã mais velha foram as primeiras a trabalhar na feira e depois de um determinado tempo outros membros da família se tornaram feirantes. Atualmente, quase toda sua família trabalha na feira.



Figura 6. *Dona Josefa em sua banca*
Fonte: foto do autor

Apesar de uma grande rede familiar, cada membro da família trabalha por conta própria, cada pessoa tem uma banca na feira. Ao falar do tempo em que sua família trabalhava na agricultura, Josefa colocava o olhar em um tempo distante, com um semblante de saudade. A feirante me conta:

A gente ia cedinho. Quando chegava as nove horas da manhã todos sentávamos para merendar. Ao meio dia chegava o almoço. Às vezes me pergunto se hoje somos felizes. Hoje tenho melhores condições financeiras, mas não sei se aquele tempo era melhor. Às vezes a gente é feliz e não sabe (JOSEFA, FEIRA DE REDENÇÃO, 02-10-2014).

Na cidade, não existe o sentimento de pertencimento que existe no campo (OLIVEN, 2009). A cidade bombardeia o campo com mensagens, cria na população do interior uma possibilidade de liberdade, oferece uma serie de oportunidades individuais (OLIVEN, 2009) que o campo não pode oferecer, atraindo pessoas em busca de outros tipos vida financeira e social. Sobre o meio Rural, Oliven contribui:

Uma das principais características do meio rural é a sensação de pertencer a algo. No campo, o individuo, qualquer que seja sua posição social, tem nítida consciência de fazer parte de grupos. A família é um grupo sólido, a vizinhança também o é. Igualmente, a posição individual dentro da comunidade é bem definida. As relações individuais baseiam-se predominantemente em contatos primários e diretos (OLIVEN, 2009, p.04).

A dinâmica da cidade sobre o interior tona-se explicável devido à divisão social do trabalho (WIRTH, 1967). Apesar de ser uma família, dona Josefa e seus parentes trabalham de forma individual.

O relato de Josefa é um relato que representa uma grande parte da população oriunda das classes menos favorecidas. População essa que migra para as cidades em busca de “liberdade”, de escolher e construir seus projetos (VELHO, 2013). Ela representa as pessoas que acordam todos os dias cheios de incerteza na esperança de dias melhores.

Josefa trabalha na feira há mais de dez anos vendendo roupas. Sua banca se situa na Rua Capitão Felix Nogueira, no centro da rua, no corredor do meio⁴, em sua banca ela vende roupas (masculina, feminina, infantil). A feirante divide-se entre sua banca e de sua mãe. Sobre seu produto, a vendedor me diz:

Na verdade não gosto de trabalhar com isso (roupas). Prefiro trabalhar com frutas e verduras. Entretanto, roupas são melhor para se vender, prefiro trabalhar com roupas para homem. dá muito trabalho vender para mulheres, elas chegam à banca... olham... olham... e não levam nada. homem não tem ‘frescura’ chega e compra logo (JOSEFA, FEIRA DE REDENÇÃO, 02-10-2014).

Ela assim como outros feirantes que trabalham diariamente na feira vai de três a quatro vezes durante a semana fazer compra no centro de Fortaleza. Vão durante a madrugada, antes do início da feira.

A mãe de Josefa, dona Maria tem 90 anos de idade e a estética da banca dessa senhora é bem curiosa. Essa é composta de bolos, chás, cafés que ao mesmo tempo divide o espaço da banca com outros produtos: alhos, e até algumas frutas. Sempre aos gritos, dona Maria chama Josefa, que transita entre as duas bancas.

Próximo da banca de Josefa localiza-se as bancas de suas irmãs. A direita estar à banca de Ivonete, logo depois a banca de Luzinete, Ambas as irmãs de Josefa vedem roupas. A banca da mãe de Josefa situa-se em frente a sua, já a banca Francisco, também irmão de Josefa fica localizada no final da rua. Francisco tem duas bancas, uma de DVD,s e CD,s e outra de roupas, no qual sua esposa trabalha. No lado esquerdo de

⁴ Nessa parte existem três corredores, Josefa realiza seus negócios em uma banca no corredor do meio, este que é um dos mais movimentados desta rua. Percebo que neste corredor existe um fluxo maior de clientes. Nesta rua predomina a venda de roupas.

Josefa fica a banca de seu irmão Luis e de sua sobrinha Jeli, ambos trabalham com a venda de roupas.

Como descrito, nesse espaço que foquei mais minha pesquisa existe uma grande rede familiar, como enfatizou Agier, “... a dimensão familiar da cidade é uma parte essencial da vida na cidade- e por conseguinte, da vida das cidades” (AGIER, 2011 p.115). Dado esse fato, aquele ambiente torna-se muitas vezes palcos de discussões familiares. A família traz para o espaço urbano de trabalho a dinâmica do ambiente doméstico. Em relação às formas de familiaridade com a cidade, Agier ressalta:

(...) os espaços são investidos de significados para além do universo doméstico sem, contudo se opor a ele: lugar de residência, rua e vizinhança, lugar de trabalho, lugar de abastecimento, de jogo ou lazer, tornamos familiar toda uma série de lugares da cidade. A soma desses lugares indica o oposto da estranheza, mas um tecido de relações estreitas, que nos asseguram certa familiaridade da cidade (AGIER, 2011, p. 108).

Além da rede familiar, Josefa tem uma intensa rede de relações na feira, relações estas ao que vejo, não são construídas apenas por questão de amizades. Antes de tudo, existe a necessidade, os feirantes necessitam de ajuda uns dos outros. Nesse ambiente as trocas são constantes e vão desde um “olha aqui minha banca enquanto eu vou ali”, até um “tem duas de dez reais”, “troca cinquenta pra mim?”. As amizades nascem muitas vezes da ajuda recíproca entre esses atores.

De acordo com Oliven (2009), a família citadina perde sua extensão. Entretanto, ganha profundidade. Para este autor:

O novo tipo de família que se constitui passa a ter novos papéis e características. O que ela perde em extensão e quantidade, teria condições de ganhar em profundidade, já que o único grupo na cidade onde o indivíduo tem maiores possibilidades de integrar todos seus aspectos no relacionamento (OLIVEN, 2009, p.06).

Josefa e sua família tenta cultivar seus laços familiares que existiam no campo, a proximidade das bancas entre parentes diz muito sobre isso. Por incontáveis vezes eles se reuniam próximo à banca de Josefa para falarem sobre assuntos familiares, conversam sobre seus filhos, escola, religião. Ao narrar sua vida do campo, Josefa reconstrói em sua memória um tempo “belo”, um sentimento de pertencer a algo (OLIVEN, 2009).

Segundo Simmel (1973), “[o]s problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais...” (SIMMEL, 1973, p.11). Apesar desse individualismo que a vida moderna produz, e esse com maior intensidade no ambiente urbano, a feira apresenta um contexto relativo. Durante minhas observações, pude presenciar as trocas recíprocas existentes na feira, essas trocas de favores ocorrem com frequência e é essencial para o bom andamento da feira.

De acordo com George Simmel (1983), todas as interações têm sempre propósitos e interesses, estes que possibilitam os homens a viverem em sociedade. Como formulou Simmel:

Essa interação sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos. Os instintos eróticos, os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou de jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições- em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado por eles. A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc., a formarem uma unidade- precisamente, uma “sociedade” (SIMMEL, 1983, p.165-166).

Outro feirante que se tornou meu colaborador e amigo foi Danilo. O jovem de dezoito anos tem sua própria banca na feira e percebo que sua vida é fragmentada. Ele trabalha na feira desde os oito anos de idade e diz que desempenha o trabalho com muito amor. A barraca vizinha é a de sua mãe que ele ajuda montar e também nas vendas. Além de o rapaz trabalhar na feira, ele trabalha à tarde em uma cafeteria e estuda a noite.



Figura 7. Danilo em sua Banca

Fonte: foto do autor

Os atores sociais vivem seus papéis de acordo com suas situações dentro da sociedade (VELHO, 2013). O jovem feirante convive em um mundo em que se misturam trabalho, família, lazer. Acerca desta situação, Velho contribui:

Os indivíduos transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado etc., com passagens às vezes quase imperceptíveis. Estão na interseção de diferentes mundos (...). Podem a qualquer momento transitar de um para o outro, em função de um código relevante para suas existências (VELHO, 2013, p.121).

Apesar de pensarmos o comércio como algo individual, pessoas competindo a todo o momento, presenciei vários episódios em que o cliente está procurando uma mercadoria que não encontrando, o feirante indica outro vendedor que tenha o produto. Esse sistema faz parte da construção das redes dentro da feira.

Em um domingo conheci Aglailton, trinta e oito anos, solteiro, reside na cidade de Baturité. Lamenta-se por ter estudado pouco, pois só tinha concluído o ensino fundamental. O feirante vende na feira de Redenção a um ano, mas é feirante há cinco. Ele vende frutas e legumes junto com uma prima e seu sobrinho, o moço adora trabalhar na feira e a renda, segundo ele, não é tão ruim. Ele me contava, “[a] feira é boa, tem vez

que da para faturar até 800 reais” (AGLAILTON, FEIRA DE REDENÇÃO, 14-12-2014).



Figura 8. Aglailton pausa para uma foto em sua banca

Fonte: foto do autor

O feirante sempre sorrindo a me ver com a câmera fazia gestos e pedia que eu o fotografasse. Então, fazia e depois ficávamos vendo as fotos e rindo. Perguntava para que as fotografias e por que aos domingos eu andava na feira com um caderninho e uma câmera fotográfica. Ao conversar comigo, falava da feira e de suas preocupações com o meio ambiente. O vendedor falava, “[n]ão gosto de jogar lixo no chão, vou colocar aqui em um cantinho, pois não tem lixeiras aqui por perto” (AGLAILTON, FEIRA DE REDENÇÃO, 14-12-2014).

Sempre com um boné na cabeça, elogiando os clientes que passavam em frente sua banca, Aglailton conquistava seus clientes. Todos os domingos me recebia com enorme atenção, tentando saber o andamento da minha pesquisa e de minha vida. Em minhas conversas com o feirante compartilhávamos nossas experiências e expectativas, sempre negociando e compartilhando.

Cristina é outra feirante que vende perto de Josefa, apesar de não ser da família, mantém uma rede de ajudas com Josefa. Ao chegar a sua banca, encontrava-a sempre lendo a bíblia. Divorciada e mãe de cinco filhos, a mulher contava-me sua trajetória de vida e se auto-intitulava como “guerreira”. A feirante me falava da dificuldade de criar seus filhos, Mas, enfatizava o orgulho destes serem bem sucedidos, como por exemplo, do orgulho de alguns dos seus filhos estarem cursando a universidade. Cristina contava-me sobre sua vida as vezes com a cabeça baixa, outras vezes sorrindo. A vendedora trabalhava em Fortaleza e após o divórcio precisava manter o sustento de seus filhos. Entretanto, o trabalho na capital distanciava a mulher do seu lar. Cristina viu no comércio informal uma forma de prover o sustento de sua família e ficar próximo de seu lar.

A vendedora me falava a respeito da dificuldade de ser feirante, que não vendia muito, Segundo ela, por ter pouco tempo de feira. Ela só trabalhava como feirante há três anos e disse que a feira é muito competitiva, existe muita ambição naquele espaço. Contou-me um episódio no qual foi chamada de ladra, que segundo a vendedora tudo não passou de um mal entendido. Nas palavras da feirante:

Um dia estava aqui em minha banca e apareceu uma blusa aqui, eu percebi que não era minha e inocentemente perguntei de quem era a peça. Luzinete minha vizinha disse que a blusa era dela e me chamou de ladra. Acho que ela era queria me prejudicar (CRISTINA, FEIRA DE REDENÇÃO, 07-10-2014).

Nessas ocasiões que envolvia discussões, Cristina fica sempre calada, “prefiro não me meter” dizia ela. Entretanto, apesar dessas “rivalidades”, alguns feirantes a ajudam. Quando ela começou alguns amigos que trabalhavam na feira indicavam lugares de compra para a feirante, laços de amizade que existem até hoje.

Durante os meses que desenvolvi minha pesquisa, notei que Cristina aumentou seus produtos, sua banca foi se expandindo e seu número de clientes aumentou. Assim a feira vai se alterando, vai mudando de acordo com feirantes, clientes e com o tempo.



Figura 9. Banca da feirante Cristina
Fonte: foto do autor

A feirante diz existir certos conflitos dentro da feira. Segundo Simmel, o conflito também é parte da sociabilidade, “... a importância do conflito consiste na articulação da unidade e da relação latente; o conflito é mais a oportunidade para as unificações exigidas internamente do que o propósito dessas unificações” (SIMMEL, 1983, p.159).

O conflito ajuda a manter o limite entre os atores, preservam suas individualidades e diferenças. Simmel enfatiza: “[a]s hostilidades não só preservam os limites, no interior do grupo, do desaparecimento gradual, como são muitas vezes cultivadas, para garantir condições de sobrevivência” (SIMMEL, 1983, p.126). Os conflitos fazem parte das relações, sejam elas de amizade ou de rivalidades.

Em um domingo de feira conheci Adriana. Vendedora de bijuterias na feira há doze anos, a vendedora mora na cidade de Capistrano e vende seus produtos em varias feiras da região durante a semana. Ela vende seus produtos da feira de Redenção todos os domingos, acorda cedinho, pega seus produtos e vem de sua cidade com alguns amigos em um caminhão. A vendedora, ao contrário de outros feirantes que fixam suas bancas em apenas um lugar, percorre toda a feira anunciando seus produtos. Ao conversar com a feirante, me impressionei com o seu jeito alegre de trabalhar. Segundo

ela, durante esses doze anos de feirante nunca perdeu um dia de negociação na feira, é sempre assídua em suas vendas. Sua barraca impressionava e chamava a atenção dos clientes, isto por sua banca tratava-se de um guarda-chuva. Em cima estavam expostos anéis, brincos, cordões e a todo o momento ela girava o guarda-chuva que fazia um ângulo de trezentos e sessenta graus, despertando assim a curiosidade de indivíduos que passavam nas proximidades.

Durante as negociação os feirantes chamavam os seus vizinhos em busca de alguma ajuda, as vezes eram essas:

“Troca dez pra mim?
Troca cinquenta?
Tem um real ai?
Devolvo já!”

Em algumas vezes eu ajudava Dona Josefa a vender alguma coisa. Ela então me dizia: “você veio só para me descolar”.

Outras vezes fiquei na banca dela e também de Cristina enquanto elas saíam à procura de troco ou para fazer um lanche. Dessa forma as ajudas se tornavam parte da manutenção do mercado.

Presenciei uma negociação de um vendedor vizinho à banca de bijuterias, esta era uma venda de tecidos. Ao se aproximar o cliente queria tocar e observar o tecido, por ser muito grande o ambulante pediu a ajuda de Adriana (a vendedora de bijuterias), sem nenhuma pergunta, ela rapidamente se prontificou a ajudar o vizinho e ao mesmo tempo ela contribui para que a negociação se concretizasse. Enquanto isso, permaneci ao lado observando. Ao retomarmos a conversa ela falou: “aqui na feira é assim mesmo, todo mundo se ajuda, se não for assim os negócios não andam”. A ajuda entre os feirantes é importante para um bom andamento da feira.



Figura 10. *Adriana me pede para fotografá-la com sua banca improvisada*

Fonte: foto do autor

Em dias chuvosos, há pouco transito de clientes e os vendedores juntavam-se três á quatro em torno das bancas para jogar conversa fora. Presenciei e participei algumas vezes destas e conversas. Esse tipo de comércio, a meu ver, possibilita esses tipos de práticas devido a certa autonomia que o trabalho informal proporciona.

A conversa ali era um momento de descontração do trabalho, talvez fosse como uma espécie de transformação de uma atividade “cansativa” e “estressante” em algo prazeroso, como se estivesse em um bar, os feirantes que estavam ali reunidos falavam sobre novelas, política, relações de gênero, na sua maioria as conversas eram de mulheres, com exceção de Luís que sempre estava por perto.

Algumas vezes não interferia na conversa, ali existiam certos códigos que apenas os próprios feirantes entendiam. Esse só era compreendido por que eles eram “iguais”. Nos termos de Simmel “[s]e a própria sociação é interação, sua expressão mais pura e mais utilizada se dá entre iguais” (SIMMEL, 1983, p.173). No grupo social dos feirantes, existem códigos próprios, bordões.

Sempre quando o movimento de clientes estava lento ficávamos reunidos, sentados nos banquinho de madeira conversando.

Em uma das conversas começamos a falar de futebol. O caso em questão era sobre a derrota do Brasil por 7x1 para a Alemanha. Jogo ocorrido na última terça-feira 8 de junho pelo mundial ocorrido aqui no Brasil. Josefa me falava sobre a decepção dela com a seleção no mundial. Dizia que iria torcer pela seleção da Argentina no mundial. A final seria disputada por Argentina e Alemanha. Luís ouvindo a conversa resolveu entrar no papo dizendo que vai torcer pela Alemanha, pois queria evitar as chacotas dos argentinos, não “dar gosto para eles”, principais rivais do Brasil no futebol (CADERNO DE CAMPO, FEIAR DE REDENÇÃO, 11-07-2014).

No momento do comentário do jogo fiquei bastante a vontade, pois sabia coisas sobre o assunto. Em outra conversa falávamos de novela. Todos participavam, reconstruíam as cenas da novela por meio da conversa. Se tratando desse assunto, pareceu-me que naquele ambiente todos consumiam esse tipo de entretenimento. Por alguns minutos, por eu não ser um consumidor assíduo desse gênero senti-me fora do diálogo, fora dos códigos.

Códigos como esse da novela são responsáveis por construir as interações naquele espaço. Podemos perceber que isso só é possível nesses espaços informais, que chamo aqui de “espaços abertos” (VEDANA, 2004).

Os vendedores desse espaço trabalham, sobretudo com sentimentos, necessitam construir uma grande rede de sociabilidade para que as vendas e a feira tenha um bom funcionamento. Isto fica explícito em seus sorrisos, no seu jeito de tratarem os clientes. Talvez toda essa alegria seja uma maneira de maquiagem o cansaço, as dificuldades de enfrentar o sol e o calor árduo do dia a dia, uma maneira de contornar as dificuldades financeiras e a ausência do poder público que as cidades de nosso País oferecem.

Abordei neste capítulo o tema da informalidade, trazendo este para o contexto da cidade de Redenção e tentando refletir a causa desta em nosso contexto local. Descrevi o espaço da feira de Redenção detalhadamente, abordando a organização interna que existe ali. O intuito dessa descrição é tentar superar a concepção que temos de mercados informais como desorganizados. Além disso, tentei explicar aqui a diferença de informal e desorganizado, estes que muitas vezes costumamos confundir e atribuir as feiras de forma generalizada.

Descrevi e refleti sobre as relações entre os companheiros de feira, como as ajudas, as conversas, e certos conflitos que existem, afinal, nem tudo são flores. Conteí sobre os feirantes que negocia ali, suas trajetórias e suas habilidades dentro do mercado e enfatizei que dentro da feira existe uma organização interna.

No próximo e último capítulo deste trabalho, continuo narrando, interpretando e refletindo sobre as conversas na feira, além de tentar interpretar as emoções e o sentido de ser feirante.

3 DO INICIO AO FIM DA FEIRA



Figura 11. Foto da Rua Juvenal de Carvalho
Fonte: foto do autor

Durante a pesquisa, vivi vários momentos, como os encontros casuais, as conversas jocosas, as emoções compartilhadas entre mim e feirantes, entre feirantes e feirantes e entre feirantes e clientes, assim como tentei a todo o momento me colocar no lugar do feirante, tentar ver do ponto de vista dos nativos (GEERTZ, 2006) trazendo para este trabalho, do ponto de vista dos feirantes, na tentativa de descobrir o significado de ser feirante.

Reflico neste último capítulo um pouco do conceito de ordem e desordem, tentando interpretar qual a organização que existe na feira. Descrevo as emoções que perpetuam a mercado de Redenção, emoções essas que percorreram toda a minha pesquisa.

3.1 A feira e Redenção

Como já venho assinalando⁵, Redenção é uma cidade localizada a 66 km de Fortaleza. Com a instalação de uma universidade pública, a cidade está passando por intensos processos de transformações, estes estéticos e também sociais. Esse fator é importante, pois Redenção recebe um fluxo constante de indivíduos vindos de outros municípios, outras Cidades e de outros Países.

Trago esse fato apenas para contextualizar Redenção⁶, já que discuto aqui o conceito de Cidade. Para fazer conexão entre a cidade e a feira, tenho como ponto de partida a definição de Weber quando esse caracteriza a cidade como um centro econômico, um lugar de mercado. Weber define:

Toda cidade no sentido que aqui damos a essa palavra é um local de mercado, quer dizer, conta como centro econômico do abastecimento como um mercado local e no qual em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não-urbana se abastece de produtos industriais ou de artigos de comércio ou de ambos e, como é natural, os habitantes da cidade trocam produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades (WEBER, 1967, p.68).

Redenção, assim como algumas cidades apresentam focos de ruralidade como já venho abordando no decorrer deste trabalho. Vemos constantemente o trânsito de animais e carroças dentro da cidade, assim como a circulação dos chamados paus-de-arara, veículo usado para transporte de carga e passageiros nas zonas rurais⁷.

A feira por sua vez se torna análise na medida em que a cidade desencoraja o trabalho autônomo (WIRTH, 1967). Partindo deste pensamento, o comércio informal torna-se algo desencorajado a seguir. Na tentativa de preservar e de encorajar o trabalho autônomo, dentro da feira surge um grupo organizado, o indivíduo torna-se eficaz agindo somente por meio de grupos organizados (WIRTH, 1967) principalmente levando em conta a transformação psíquica (SIMMEL, 1967) causada pela cidade.

Sobre a pesquisa no entre grupos Lauwe contribui, “[o] essencial para o pesquisador é dar ênfase a certos grupos que têm uma importância particular no conjunto das estruturas sociais...” (LAUWE, 1967, p.114). A feira torna-se importante

⁵ Reforçando aqui o que comentei no capítulo 1, no tópico 1.4.

⁶ Novamente contextualizo a cidade, pois quero reafirmar a ideia de Weber quando ele caracteriza a cidade como um lugar de mercado.

⁷ Ideia já discutida no tópico 1.4 do capítulo 1.

na medida em que ela conforma um grande grupo social, este que também é responsável por levar mercadorias para a cidade.

A feira, como venho ressaltando no decorrer deste trabalho é interpretada em muitas vezes como desorganizada, desordenada. O que temos que levar em consideração ao pensar o mercado informal é refletir o que seria a ordem e o que seria desordem. Teremos que levar em consideração a relatividade desses conceitos, afinal o que está em ordem para mim pode está desordenado para meu vizinho, o que aparentemente penso como caótico para alguns pode expressar outra forma de organização, esta que pode nos passar despercebida. A desordem, segundo Mary Douglas, pode apresentar perigo, mais ao mesmo tempo pode ser poder. A autora contribui:

Admitindo que a desordem estraga o padrão, ela também fornece os materiais do padrão. A ordem implica restrição; de todos os materiais possíveis, uma limitada seleção foi feita e de todas as possíveis relações foi usado um conjunto limitado. Assim, a desordem por implicação é ilimitada, nenhum padrão é realizado nela, mas é indefinido seu potencial de padronização. Dai por que, embora procuremos criar ordem, nós simplesmente não condenamos a desordem. Reconhecemos que ela é nociva para os modelos existentes, como também que tem potencialidade. Simboliza tanto o perigo quanto o poder (DOUGLAS, 1966, p.117).

Na feira, essa possível desordem significa o poder de fugir dos “padrões” impostos pela formalidade. Essa possível desordem serve para que o poder estatal não tente padronizar a feira, criar uma “ordem”. A desordem na feira funciona como um mecanismo de proteção, cria-se uma imagem de desordem para proteger a ordem interior da feira, pois caímos no conto de classificar desordem sempre partindo do conceito de ordem, esse por sua vez que é relativo.

Os feirantes são feirante e não comerciantes. O que temos que levar em consideração é que essa categoria, o “ser feirante” é criada pela sociedade e não por os feirantes, a formalidade é quem os enquadra como informais, eles inconscientemente recebem essas “pressões” externas.

Uma das características dos comércios informais é que existe “autonomia”, poderes (DOULAS, 1966) internos. Douglas escreve sobre o poder, “[a]lguns poderes são exercidos em nome da estrutura social; eles protegem a sociedade contra o perigo

que lhe dirigem os malfeitores” (DOUGLAS, 1996, p.123). A autora escreve sobre religiões tradicionais, mas podemos relacionar facilmente esse conceito com a cidade e com a feira. Bem, a estrutura social aqui é a feira, o malfeitor é o poder estatal que tenta impor o “padrão” ao mercado e os feirantes usam dos poderes internos para se proteger do sistema que tenta os menosprezarem enquanto cidadãos comerciantes e trabalhadores.

Durante o domingo com a vinda de outros feirantes de outras cidades existe uma disputa de espaço, esse tanto físico como também por clientes. Ao conversar com um feirante, vendedor de camisas, pergunto se ele diariamente negociava ali – sua banca fica em cima da praça da igreja matriz – ele confirma que sim, salvo nos domingos quando o lugar altera o lugar de sua banca para o outro lado da rua. Segundo o feirante, aquele espaço pertence a outro vendedor. Quando os feirantes recorressem que o lugar é de outro feirante, podemos afirmar que existe sim uma ordem dentro da feira. Este é apenas um relato de outros diversos que ouvi e dessa forma a possível desordem e a falta de “regras” atribuída a esses lugares não passa de estereótipos.

A feira pode ser vista como um modo diferente de habitar e interpretar a cidade, como ressalta Agier: “[a] cidade já não é considerada ‘uma coisa’ que eu possa ver nem ‘um objeto’ que eu possa aprender como totalidade. Ela transforma-se num todo composto, um holograma perceptível, ‘apreensível’ e vivido em situação” (AGIER, 2011, p.38). Desse modo, posso afirmar que ao pensar os mercados informais devemos antes de tudo interpretar a categoria de cidade.

3.2 Feira à dentro: o que tem na feira?



Figura 12. *Banca de produtos naturais*

Fonte: foto do autor

A feira se constitui como um espaço maleável, um lugar rico em interação e possibilidades para negociações “[n]a feira, o espaço é aberto e publico...” (VEDANA, 2008, p.48). Na feira prevalece a *personalidade*, o contato face a face. Sobre esse espaço Vedana contribui:

Escolher compras em um ambiente aberto, sob o sol ou chuva, disputar o espaço a todo instante com outros passantes que estão na mesma procura, dividir não só o espaço da compra com também as atenções dos vendedores evidencia uma outra maneira de viver a cidade a parti destas práticas da rua (VEDANA, 2004, p.49).

Em um supermercado as compras ocorrem de forma diferente, os clientes os têm apenas com um lugar de compra, polo vendedor de mercadorias. Nesse comercio não existe margem para negociação. No supermercado não vemos pessoas em busca de pechincha, cliente barganhado, os preços são fixos e prevalece a impessoalidade entre funcionários e clientes.

Na feira não há apenas clientes em busca de produtos, existe os frequentadores, pessoas que vão à feira apenas para conversar, olhar produtos, participar do agito que a feira proporciona na cidade. Falo em agito por que a feira é um acontecimento que atrai centenas de pessoas para aquele espaço, a cidade em dia de feira se transforma em um

formigueiro. A feira proporciona aos atores um contato direto (VEDANA, 2004) oferece diversos percursos (VEDANA, 2004) estes de compra, mas que podem ir além disso, podem ser percursos para possibilidades, possibilidades estas de viver o rito das compras de outras formas, recriar novas maneiras de fazer mercados.



Figura 13. *Banca de sapatos*

Fonte: foto do autor



Figura 14. *Feirantes negociando em cima da Praça da Igreja da cidade*

Fonte: foto do autor

Caracterizo os mercados informais como “espaços abertos” (VEDANA, 2004). Uso esse termo partindo do pensamento em que esses espaços permitem uma interação maior entre os atores, permitem uma maior circulação de pessoas e também de mercadorias, não apresenta uma única feição, sua estética passa diariamente por transformações. As risadas e conversas não seriam permitidas em espaços fechados – me refiro a supermercados e fabricas e outros tipos de empregos informais – esses apresentam normas. Não quero dizer aqui que na feira não existe normas, claro que existe, falo em normas no sentido de regras escritas e que são fiscalizadas.

Narrei no outro capítulo alguns códigos que existem na feira, códigos que em certas ocasiões me “excluíram” de conversas. Na feira de Redenção as rodas de são muitos comuns, principalmente sobre novelas. Entretanto, em muitas vezes eu não dominava esses códigos.

Josefa em outas ocasião falava novamente sobre novela, entrei na conversa mesmo sem dominar os códigos existentes ali. Logo após Luís entra na conversa, chega Ivonete e quando me dou conta a banca de Josefa se torna um verdadeiro debate sobre o assunto. Todos falam, dão suas opiniões e automaticamente eu saí da conversa (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 16-07-2014).

É como se todos ali estivessem em uma sincronia, pensando a mesma coisa, compartilhando os mesmos sentimentos e emoções. Nesse instante compartilhavam um “coletivo”. O que faço aqui não é romantizar o espaço e essa nem é minha intenção. Ao que percebo esse suposto sincronismo é parte do sistema da feira, ou seja, essa possível sincronia serve e é essencial para manter o sistema interno da feira.

Na feira apesar dos possíveis individualismos existentes, percebo que entre os feirantes existe o hábito de compartilhar os clientes. Presenciei vários episódios em que o cliente esta a procura de um determinado objeto, quando o feirante não tem esse objeto, conduzi-o o comprador a outro feirante vizinho. Este é outro exemplo das diferenças que existe entre comprar na feira e comprar é um supermercado. Você já foi a um supermercado e na falta do produto o vendedor indicar outro supermercado? Essa possibilidade – ao que notei- é comum na feira.

A desvantagem em relação aos mercados formais é apenas a questão do salario, não existe um valor fixo, na feira o salario depende do jogo de convencimento do vendedor, da capacidade de envolver os clientes. Josefa me falava sobre seus jogos de

negociação ela me contava, “[e]u faço assim, recebo o cliente sempre sorridente, rola uma conversa, dou atenção. Assim ele gosta e faz a compra” (JOSEFA, FEIRA DE REDENÇÃO, 16-07-2014).

Em um desses jogos de convencimento uma freguesa ao aproximar-se da banca de Luzinete pergunta sobre uma roupa para criança, parecia que as peças expostas ali não eram de seu agrado. Imediatamente a feirante a envolveu com toda uma propaganda do produto. Ela falava: “[h]á mais esses são o que estão na moda, esse é bonito” envolvendo assim a cliente.

Na feira existe também o famoso fiado, que segundo Cristina, este benefício é apenas para os clientes mais íntimos. Este é outra diferença entre a feira e o supermercado por exemplo. Quando a feirante diz que o fiado é apenas para os íntimos, podemos afirmar que a relação feirante-cliente ali na feira constitui uma relação de amizade e não simplesmente aquisição de mercadorias.

Costumamos atribuir aos mercados informais o status de ilegal e cheios de desonestidades. Posso afirmar que essa afirmação não é mais cabível. Presenciei fatos que provam que dentro do mercado informal existe honestidade e um enorme respeito aos clientes. Observei um desses fatos ocorridos com certo cuidado:

Uma cliente comprou uma peça e esqueceu. Tratava-se de uma roupa infantil. Dona Josefa imediatamente guardou a roupa em questão e começou a procurar a mulher (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 08-10-2014).

Este caso narrado não é o único, mas, fiquei pensando sobre esse ocorrido. Costumo ouvir de algumas pessoas que os feirantes são desonestos, nunca acreditei nesses fatos. Agora devido minha relação com esses trabalhadores e com esses atos que presenciei frequentemente, percebo que são historietas. Sei que não posso generalizar, mas o grupo de feirantes a qual foquei meu estudo são trabalhadores honestos e comprometidos com seus trabalhos.

Outra habilidade dos feirantes a característica da feira é a flexibilidade. Os preços são variáveis e como argumento neste trabalho, depende da capacidade de negociação do cliente.

Uma cliente fala com dona Josefa, esta tem que comprar um presente para uma criança, percebo que a compra tratava-se de um presente para um aniversário. Entretanto, devido suas condições financeiras e outras compras feitas durante o dia, podia pagar apenas quinze reais no objeto em questão, peça de roupa essa que custava vinte reais. Josefa nesse momento olhava para a mulher com um olhar a meia altura, percebi que ela ficou sensibilizada, logo após vendeu o produto (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 08-10-2014).

Ali existe um sentimento envolvido, vejo seres humanos flexíveis, flexibilidade esta em relação aos clientes e também em relação aos vizinhos de feira. Fico pensando a enorme mobilidade que esse comercio apresenta, suas configurações estão se alterando a todo momento. Afirmo que esse comércio não tem uma configuração única, podemos falar em configurações no plural.

Em negociações as compras são acompanhadas de momentos cheios de emoções, de risadas e brincadeiras. Esse momento caracteriza e diferencia de forma marcante o estar na feira. Como apontou Vedana, “... em alguns casos os processos de compra e de venda são permeados de brincadeiras, conversas, chistes, que expressam os laços simbólicos presentes nos gestos de compra e de venda, além de marcarem a duração das trocas entre sujeitos” (VEDANA, 2008, p.21).

Por meio destes arranjos sociais (VEDANA, 2008) tento explicar que a feira constitui um comercio importante, que as imagens que temos da feira não passam de imagens errôneas, pensamentos esses cultivados pelo sistema social moderno que tenta excluir e classificar como impróprio tudo que foge do “padrão” Vedana ainda ressalta a importância dessas observações para a interpretação das formas de vida social “... é na visibilidade das formas da vida social em seus diferentes arranjos cotidianos, que se torna possível interpretar as diferentes feições do laço social no contexto” (VEDANA, 2008, p.21).

A vida desses trabalhadores está fortemente ligada com seus trabalhos e não tem como separa-los, ao contrário de outros ofícios. Mesmo após um longo dia de trabalho, o feirante ainda convive com seu oficio em casa, tem que recolher mercadoria, organiza-la, calcular ganhos e perdas. O feirante é no seu trabalho o que ele realmente é na sociedade, seja fora do trabalho ou não.

3.3 Sociabilidades no mercado: conversas, risadas, emoções, a vida de feirante



Figura 15. Feira por volta das sete horas da manhã de um domingo
Fonte: foto do autor

A minha iniciativa de pesquisar a feira se inicia por certo receio, receio meu e também dos feirantes, afinal de início eles não imaginam qual a real intenção do pesquisador. Por meio de conversas, esta a forma mais pura de socição (SIMMEL, 1983) vou ganhando a confiança dos feirantes. Como ressalta Velho “... não existe a *formação acadêmica* para o antropólogo. Estamos ainda engatinhando, discutindo fórmulas, maneiras, estilos...” (VELHO, 2013, p.81).

Por meios de presença constante na feira, meu caderninho passa a ser aceito ali, deixo de ser um “estranho” e passo a fazer parte do grupo, tomo café com os vendedores, trocamos experiências, falamos sobre nossas famílias, trajetória, o semblante de desconfiança desaparece, nasce uma amizade.

Sempre ao me aproximar da banca de Cristina, ela pedia-me para ler uma mensagem que estava em seu caderninho. Este se trata de um caderno de mensagens bíblicas que está ao lado dela todos os dias em sua labuta. A vendedora se dizia temente

a Deus e quase todas as vezes que estava na feira eu lia suas mensagens e por meio destas trocas fui construindo ligações de afeto com a vendedora. Como argumenta Frugoli junior, “... através das trocas de palavras, os participantes zelam pela relação em curso...” (FRUGOLI JUNIOR, 2007, p.10).

Muitas vezes Cristina ou Josefa pedia-me para ficar em suas bancas, a conhecida “dar uma olhadinha”. As feirantes saíam para fazer suas necessidades ou então lanchar. Outras vezes eu saía e comprava o lanche delas (Josefa ou Cristina). Em outras ocasiões perdi vendas por não dominar o jogo de negociações quanto eles, tentava participar das tramas ali presentes, dos contatos, participar dos acontecimentos da feira. Esta participação é um importante instrumento para o pesquisador entender e interpretar essas tramas. Segundo Eckert e Rocha “[o] observar na pesquisa de campo implica na interação com o outro uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana estando com o outro no fluxo dos acontecimentos” (ECKERT; ROCHA, 2008, p.03).

Por meios de rodas de conversas, os feirantes interagiam e discutiam assuntos diversos, resgatavam memórias emoções e risadas. As conversas sempre se davam da mesma forma, todos os feirantes ficavam em torno de alguma banca sentados em banquinhos de madeira, objeto esse comum entre os feirantes, que apesar de ter um dono, todos ali o compartilham. Durante essas conversas aconteciam os micro-eventos (VEDANA, 2004). Observo um destes eventos:

Estávamos sentados próximos a banca de dona Josefa, começamos uma conversa a respeito de algumas verrugas que tenho na mão direita. Os vizinhos de Dona Josefa se aproximaram, começamos a rir, não parávamos. A risada dava-se, sobretudo porque dona Josefa me receitava um medicamento “natural”. O ritual consistia em: pegar uma casca de banana e passar sobre as verrugas. Segundo a feirante, estas depois de algum tempo iria cair de meu corpo (CADERNO DE CAMPO, FEIRA DE REDENÇÃO, 14-10-2014).

Essa conversa gerou um micro-evento (VEDANA, 2004) os feirantes e clientes que estavam ali próximo pararam suas atividades para observar e participar de nossa conversa. Sobre esses micro-eventos Vedana contribui:

Estes micro-eventos constituem-se de pequenos atos (...) dando um significado para este espetáculo do cotidiano que acontece na feira-livre através das sociabilidades entre os fregueses que se encontram, nas brincadeiras e jocosidades dos feirantes entre si e com o público (VEDANA, 2004, p.58).

Em outro desses micro-eventos (VEDANA, 2004) conheci um senhor de nome Francisco, 66 anos, mora na cidade vizinha (Aracoiaba). Vendia produtos naturais na feira, os “medicamentos naturais”. O jeito que ele gritava e anunciava seus produtos é o jeito da típica imagem que temos dos feirantes, “olha o remédio, serve para dor nas costas, coluna, rins”. Com essa propagando o senhor atraia a atenção de muitos clientes que passavam ali próximo. Todos riam muito ao chegar próximo do vendedor, isto despertou minha curiosidade, resolvi me aproximar. Pergunto se seus medicamentos eram bons mesmo, ele atesta a eficácia ficando de joelhos ali mesmo, jurando em nome de Deus. O fato engraçado se dava pelo seguinte motivo: o vendedor afirmava que seus medicamentos eram fortes estimulantes sexuais, daí o motivo das risadas dos passantes ali no local. O senhor trabalha no mercado informal há mais de cinquenta anos e se intitulava “doutor raizeiro”, slogan esse que tinha no rotulo de seus produtos. Os anúncios desse senhor despertava no ato de “fazer a feira” (VEDANA, 2004) momentos de descontração, marcando assim os ritmos da feira.

Esses micro-eventos requerem do pesquisador a capacidade de uma constante interpretação. Sobre esta necessidade Vedana enfatiza, “... a pesquisa antropológica constantemente nos desafia a repensar categorias e interpretações, seja através do trabalho de campo, seja através de novas perspectivas teórico-conceituais” (VEDANA, 2013, p.43).

Eu já negocieei algumas vezes na feira e sempre observava como os feirantes efetuavam o jogo das vendas. Em uma manhã de domingo cheguei na banca de Dijelma (cunhada de dona Josefa) e consegui efetuar uma venda. A peça se tratava de uma camisa. Usei então todo o jogo de venda que tinha observado durante minha estadia na feira. Naquele momento me senti útil, participando da história da feira, afinal por meio dessas vendas me aproximei mais dos feirantes.

Em outras ocasiões, falávamos sobre vendas e como os feirantes faziam para prevalecer na feira, garantir seus espaços. Por meio dessas conversas e observações percebo as dificuldades de ser feirante. Nos momentos que passei ali senti na pele o que esses feirantes sentem, debaixo de um sol quente, um tempo abafado, os feirantes tentam através de suas conversas e brincadeiras driblar as dificuldades que o mercado apresenta.

Em algumas vezes ao falar de assuntos pertinentes a família, Dona Josefa involuntariamente ou voluntariamente evoca os laços familiares que existe ali. Ela fala de algum assunto, seus familiares escutam e se aproximam de sua banca, assim a conversa se alonga. De repente se tona perceptível que mesmo no meio urbano no qual geraria um suposto individualismo, os laços de afeto continuam existindo.

Em muitos destes momentos, minhas emoções eram acionadas, me afastava do lugar de pesquisador e me sentia parte do grupo. Precisava então mais uma vez me distanciar intelectualmente para tentar interpretar estes acontecimentos. Como apontou Velho, “[o] processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (VELHO, 2013, p.79).

Em outras situações havia conflitos, como por exemplo, o caso já narrado neste trabalho em que uma feirante foi acusada de roubo. Esta a ser acusada apenas revidou com palavras, afirmando que ela era uma pessoa honesta. Esta atitude por parte da acusada de roubo, ao que eu percebo, foi uma manobra inteligente para não aumentar o conflito. Como ressalta Vedana, “... lidar com possíveis conflitos que aparecem diante da banca é, para esses feirantes, parte de suas atribuições, é uma das facetas de seu trabalho” (VEDANA, 2013, p.59). Hoje as duas feirantes envolvidas na discussão são amigas, as relações de reciprocidade entra elas prevaleceram. Os feirantes têm uma habilidade de contornar estes tipos de situações.

A feira é, sobretudo, um lugar de encontros. Neste os atores envolvidos trocam histórias, experiências de vida, expressam outra forma de viver a vida na cidade. Neste espaço ocorrem trocas de amabilidades, mas também existem conflitos. A feira é rica em interações diversas, tornando-se uma das maneiras de interpretarmos as relações sociais que ocorrem dentro de nossas cidades na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho eu tentei demonstrar como as sociabilidades ocorrem na feira de Redenção. Guiado por Simmel (1983), narrei e interpretei as conversas, os encontros, os favores, os conflitos, que vi e vivi ali na feira. Partindo da sugestão de Oliven (2007), tentei interpretar a dinâmica dos feirantes dentro do contexto urbano de Redenção, observando atentamente suas relações ali naquele espaço. “Observando o familiar”, por meio da leitura de Velho (2013), tentei me distanciar e tentar reconstruir outra leitura sobre a feira, ir além das velhas imagens construídas sobre os mercados informais, enfatizar que ali existe uma informalidade, claro, mas nem por isso existe uma desorganização. O feirante de Redenção encontra na feira uma forma de fugir da marginalidade, do desemprego que a falta de investimento e de políticas públicas geram nas cidades. O vendedor também encontra na feira uma maneira de estar próximo a sua família, participar da vida de sua cidade.

Percebi que por meio das trocas, percepção esta que veio em minhas viagens na leitura de Mauss (2003), que os atores envolvidos ali trocam mais que mercadorias. No simples ato do feirante emprestar dinheiro para o outro passar o troco, cuidar da banca do vizinho, enquanto ele sai para lancha ou fazer outras necessidades vai além do mero interesse. Estas trocas, como apontou Mauss (2003) são trocas de afetos, retribuições.

Ao pensar a sociabilidade na feira, fiz uma reflexão dos atores em relação ao espaço, já que a cidade nos termos de Velho (2013) apresenta uma série de possibilidades e também um possível individualismo. O fato dos atores escolherem a feira como lugar de compra, significa que elas automaticamente estão atribuindo um significado a esta maneira de fazer compras. Como enfatizou Mauss (2003) estes atos são perpassados por relações de trocas. Neste espaço os atores também consomem histórias, memórias, informações.

Viver na cidade é antes de tudo viver de forma coletiva (ROLNIK, 2004), nesta os indivíduos disputam mais que o espaço, eles confrontam sentimentos e ideias cotidianamente. Na feira a disputa por espaço ocorre de forma diferente, existe um “respeito espacial”, um código que não está escrito em nenhum lugar, não existe comprovantes de propriedades, até mesmo porque ali é espaço público, mas existe um

código simbólico que diz: “esse é meu espaço” “aquele é o seu”. Um “mundo” repleto de códigos a ser desvendados.

A cidade aumenta as possibilidades de trocas e negociações. O consumo na feira possibilita encontros e media contatos entre pessoas, possibilitando uma serie de novos diálogos. À feira se torna um lugar de encontro, as compras são acompanhadas de momentos cheios de emoções, de risadas e brincadeiras, momentos intensas de sociabilidade.

Durante a pesquisa conheci diversas pessoas, trabalhadores que diariamente enfrentam sol e chuva para ganharem a vida. De um estranho passei a ser um amigo e também participei de algumas negociações, senti o que é ser um feirante. Por meios de presença constante na feira, meu caderninho passa a ser aceito ali, deixo de ser um “estranho” e passo a fazer parte do grupo, trocar experiências.

A feira como enfatizei - usando alguns teóricos que abordam o tema dos mercados informais - faz parte da vida urbana, da dinâmica da cidade de Redenção. Podemos dizer que ela é também o resultado um fenômeno da desigualdade social, mas também que ela é um espaço que proporciona aos atores sociais uma quebra em suas rotinas de trabalho, como apontou Pinheiro-Machado (2008), alguns feirantes realizam na feira o “sonho de ser patrão”.

Descrevi situações na tentativa de provar que a feira não é desorganizada, ao contrario, tentei provar neste trabalho que ela apresenta uma organização interna, esta elaborada pelos próprios feirantes. Além disso, tentei desmistificar outras imagens sobre a feira, como por exemplo, atribuições de sujeira e de pessoas desonestas e que apesar do individualismo ser presente nos centros urbanos, existe entre os feirantes uma rede de solidariedade que vai além do mero interesse.

Quando escuto os feirantes me contarem que na feira o fiado é apenas para os íntimos, posso afirmar que ali existe mais de quer uma negociação de objetos, há ali uma relação de amizade e não simplesmente aquisição de mercadorias.

A feira se constitui como um espaço maleável, um lugar rico em interação e possibilidades para negociações. Por meios de rodas de conversas, os feirantes

interagem e discutem assuntos diversos, resgatavam memórias e emoções, construindo outra forma de fazer e viver o mercado.

A vida de feirante vai além de seu trabalho. Seu ofício não termina ali na rua, ele tem que recolher mercadoria, organiza-la, calcular ganhos e perdas. O feirante representa no seu trabalho o que ele realmente é na sociedade. Os feirantes tornam-se um grupo importante na medida em que ele conforma um grande grupo social, e também é responsável por levar mercadorias para a cidade.

Esta pesquisa não se encerra aqui. Ao passar sempre na feira e rever as pessoas que convivi por algum tempo, resgatamos lembranças do nosso cotidiano, trocamos mensagens e trajetórias. O que fiz aqui foi apenas perceber que a feira, assim como a cidade de Redenção não está fixa, imóvel, ela estar constantemente em transformação. Estes não são apenas espaços físicos, são antes de tudo dinâmicos e repletos de emoções, seres humanos que diariamente se reinventam e, conseqüentemente, também reinventam a cidade.

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Ed. Terceiro nome, 2011.

ARAÚJO, Giovanna de A. F. *Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)*. Tese de Doutorado em História Contemporânea (Universidade do Minho - UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *in: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Perspectiva, São Paulo, 1966.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2.ed., 2013.

ECKERT, Cornelia ; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da . “Etnografia: saberes e práticas”. *In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p.9 a 24. Série Graduação.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. *in: O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 8.ed., 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed., 1. reimp., Rio de Janeiro: DPEA, 2011.

LAUWE, Paul-Henry Chombat de. A organização social no meio urbano. *In: Velho, Octávio G. (org.) O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Consumo: uma perspectiva antropológica. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 01-60, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw K. Introdução. *In: MALINOWSKI, Bronislaw K. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. DURHAM, Eunice Ribeiro (org.). 2ed., São Paulo: Abril Cultura, 1978.

MARICATO, Ermínia. Posfácio. *In: DAVIS, Mike. Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006, p.209-224.

MARICATO, Ermínia. Informalidade urbana no Brasil: a lógica da cidade fraturada (posfácio). *In: WANDERLEY, Luís Eduardo; RAICHELIS, Raquel (orgs.). A cidade de São Paulo: Relações internacionais e gestão pública*. São Paulo: EDUC, 2009, p.269-292.

- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.183-314.
- MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3.ed., 1972, p.21-58.
- NORONHA, Eduardo G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.18, n°.53, p.111-129, Outubro/2003.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. Consumo e identidade no meio Juvenil: considerações a parti de uma área popular do Distrito Federal. *Sociedade e estado*, Brasília, v.22, n.3, p.647-678, Set./Dez. 2007.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ed. 2007.
- OLIVEN, Ruben George. *Metabolismo Social da Cidade e Outros Ensaios*. Biblioteca virtual de ciências humanas. Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEN, Ruben George. A cidade como categoria sociológica. In: OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Biblioteca virtual de ciências humanas. Rio de Janeiro, 2010, p.07-23.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.23, n°.67, p.117-133, Junho/2008.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Anos de pedra: Etnografia de um camelódromo. In ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de Rua: Estudos de Antropologia Urbana*. Porto Alegre, Editora: UFRGS, p.96-122, 2013.
- QUEIROZ, Maria Isaura de. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: Algumas reflexões. In: *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo, 2.ed. textos, Série 2, n.3, p.13-24, 1999.
- RETONDAR, Anderson Moebus. A (Re)Construção do Indivíduo: A sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividade. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.23, n.1, p.137-160, Jan./Abr., 2008.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: Velho, Octávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p.11-25.
- SIMMEL, George. *Sociologia*. Moraes Filho, Evaristo de. (org.). São Paulo: Ática, 1983.
- VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3731> ultimo acesso em 02-02-15.

VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3731> ultimo acesso em: 05-02-15.

VEDANA, Viviane. Mercados de rua e ambiência de fruição estética: estudos de etnografia de rua. *In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, e ECKERT, Cornelia. (org.). Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, p.147-172.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 19, n. 39, p.41-68, jan./jun., 2013.

VELHO, Gilberto. *Um Antropólogo na Cidade: Ensaio de Antropologia Urbana*. Vianna, Hermano; Kuschnir, Karina; Castro, Celso (org.). Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. *In: Velho, Octávio G. (org.) O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. *In: Velho, Octávio G. (org.) O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.